



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)

**TEM QUE TER CORAGEM PARA SER FELIZ: GÊNERO, SEXUALIDADE E  
VIOLÊNCIA EM DOIS ROMANCES DE ALEXANDRE VIDAL PORTO**

Foz do Iguaçu  
2022

**DENI IURI SOARES CANDIDO DA SILVA**

**TEM QUE TER CORAGEM PARA SER FELIZ: GÊNERO, SEXUALIDADE E  
VIOLÊNCIA EM DOIS ROMANCES DE ALEXANDRE VIDAL PORTO**

Dissertação apresentada para o processo de Defesa no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada – PPGLC da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Área de concentração: Poéticas e Narrativas Latino-Americanas, linha de pesquisa Narrativas, Diásporas, Memória e História.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Pereti

**DENI IURI SOARES CANDIDO DA SILVA**

**TEM QUE TER CORAGEM PARA SER FELIZ: GÊNERO, SEXUALIDADE E  
VIOLÊNCIA EM DOIS ROMANCES DE ALEXANDRE VIDAL PORTO**

Dissertação apresentada para o processo de Defesa no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada – PPGLC da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Área de concentração: Poéticas e Narrativas Latino-Americanas, linha de pesquisa Narrativas, Diásporas, Memória e História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Emerson Pereti  
(UNILA)

---

Profa. Dra. Josiele Kaminski Corso Ozelame  
(UNIOESTE)

---

Profa. Dra. Lorena Rodrigues Tavares de Freitas  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 05 de dezembro de 2022.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S586t

Silva, Deni Iuri Soares Candido da.

Tem que ter coragem para ser feliz: gênero, sexualidade e violência em dois romances de Alexandre Vidal  
Porto / Deni Iuri Soares Candido da Silva. - Foz do Iguaçu-PR, 2023.  
58 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-americano  
de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2023.  
Orientador: Emerson Pereti.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Violência. 4. Literatura comparada. 5. Porto, Alexandre Vidal. I. Pereti,  
Emerson. II. Título.

CDU 82.091:305

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Emerson, por todo o apoio, parceria, humildade e, acima de tudo, por ter sido suporte e materialização de minha fé, pois houve momentos em que achei que não conseguiria chegar até aqui.

Aos meus pais, pela garra e determinação, pelos ensinamentos e princípios que carrego em meu coração.

Às minhas irmãs, pela inspiração, companhia e alegria, por tirarem qualquer indício de solidão que poderia existir em minha vida.

Ao meu cunhado, pela admiração, entusiasmo e suporte familiar. Somos mais felizes por tê-lo conosco.

À Laura, minha sobrinha, pois sua gentileza, inteligência e ternura impulsionam nossas ações para construirmos um mundo melhor.

De professor para professor: agradeço os olhares, sorrisos, atenção, correções e tudo que me foi ofertado até o momento. Agradeço por acreditarem em meu potencial, mesmo quando eu não o enxergava.

Ao meu melhor amigo, companheiro e eterna inspiração: Everton Vainer Acosta. Obrigado pelo ombro, colo, ouvido, tempo, abraços e beijos. Obrigado por resistir ao meu lado e me proporcionar memórias e momentos familiares que jamais imaginei possíveis.

*In memoriam*, à Maria de Jesus Acosta. Sua falta é dilaceradora, mas sua presença é indelével.

À Larissa Valéria Velasquez Acosta, pela amizade, inspiração e parceria.

Especialmente, aos meus colegas e professores de Letras da UNIOESTE, onde minha vida acadêmica realmente floresceu na chamada Primavera Universitária.

À Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, através do Programa de Mestrado em Literatura Comparada, corpo docente, colegas e auxiliares administrativos. Obrigado pela oportunidade.

Aos meus amigos, colegas e conhecidos, por todo apoio e olhares de admiração. Todos vocês me impulsionam a buscar um futuro melhor.

Aos meus alunos, por me proporcionarem construir um mundo mais justo e colorido por meio da educação.

À educação pública, gratuita e de qualidade do meu país, Brasil.

À Deus, por nunca ter me abandonado.

## DEDICATÓRIA

Dedico aos que vieram antes de mim, pois nossa realidade só é possível por meio de muita luta e resistência.

Dandara, presente!

Marielle Franco, presente!

*Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro*

*Belchior*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Gráfico Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2021. 35	<b>36</b>
<b>Figura 02</b> - Quadro Cenário geral dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil em 2021.	<b>36</b>
<b>Figura 03</b> - Tabela Estados que mais assassinaram pessoas trans (2017-2021).	<b>37</b>
<b>Figura 04</b> - Gráfico Assassinatos pessoas trans DDH (2019-2021).	<b>38</b>
<b>Figura 05</b> - Gráfico –Tentativas de Homicídio – 2021	<b>38</b>

## RESUMO

Pensar em assumir uma identidade de gênero ou condição sexual, no processo de compreender-se como um sujeito não heteronormativo, pode ser extremamente desafiador, a depender do contexto em que tal identidade tenta se afirmar. Nesse processo de identificação pode haver até elementos de compensação, como o privilégio de classe social, por exemplo, mas, mesmo nessas circunstâncias, se assumir desviante de um suposto padrão é um ato de coragem e de embate frente a diversas formas de violência. Este é o caso em questão em duas representações literárias aqui estudadas, *Cloro* (2018) e *Sergio Y. vai à América* (2014), ambas do escritor Alexandre Vidal Porto. Tentando entender os processos literários que implicam tal representação, esta dissertação se constrói a partir de algumas questões dos estudos *queer* em Butler (2017) e Louro (2013), ambas renomadas estudiosas no que diz respeito ao gênero e sexualidade, assim como no texto de Ginzburg (2013) sobre a compreensão do amplo campo da violência. Há, neste estudo, também a presença de Bourdieu (2019), contribuindo com questões relacionadas à construção da masculinidade. Por meio deste caminho, se espera agregar uma contribuição aos estudos literários e de gênero, na busca de um mundo onde os corpos desviantes possam ser respeitados, entendidos e aceitos; de um mundo mais justo, onde tais corpos não precisem mais passar por constante violência, preconceito e discriminação.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Violência; Literatura.

## RESUMEN

Pensar en asumir una identidad de género o una condición sexual, en el proceso de entenderse como un sujeto no heteronormativo, puede ser extremadamente desafiante, dependiendo del contexto en el que dicha identidad intente afirmarse. En este proceso de identificación puede haber incluso elementos de compensación, como el privilegio de clase social, por ejemplo, pero incluso en estas circunstancias, asumirse a sí mismo desviándose de una supuesta norma es un acto de coraje y lucha frente a diversas formas de violencia. Este es el caso en cuestión en dos representaciones literarias aquí estudiadas, *Cloro* (2018) y *Sergio Y. va a América* (2014), ambas del escritor Alexandre Vidal Porto. Tratando de comprender los procesos literarios que implican dicha representación, esta disertación se construye a partir de algunas cuestiones de los estudios queer en Butler (2017) y Louro (2013), ambos reconocidos estudiosos en materia de género y sexualidad, así como en Ginzburg (2013) en cuanto a la comprensión del amplio campo de la violencia. Hay, en este estudio, también la presencia de Bourdieu (2019), aportando temas relacionados con la construcción de la masculinidad. A través de este camino, se espera añadir una contribución a los estudios literarios y de género, en la búsqueda de un mundo en el que los cuerpos desviados puedan ser respetados, comprendidos y aceptados; de un mundo más justo, en el que dichos cuerpos ya no tengan que pasar por la violencia constante, los prejuicios y la discriminación.

**Palabras clave:** Género; Sexualidad; Violencia; Literatura.

## ABSTRACT

Thinking about assuming a gender identity or sexual condition, in the process of understanding oneself as a non-heteronormative subject, can be extremely challenging, depending on the context in which such identity tries to assert itself. In this identification process there may even be elements of compensation, such as social class privilege, for example, but even in these circumstances, to assume oneself deviant from a supposed standard is an act of courage and struggle in the face of various forms of violence. This is the case at hand in two literary representations studied here, *Cloro* (2018) and *Sergio Y. goes to America* (2014), both by writer Alexandre Vidal Porto. Trying to understand the literary processes that imply such representation, this dissertation is built on some issues of queer studies in Butler (2017) and Louro (2013), both renowned scholars regarding gender and sexuality, as well as on text Ginzburg (2013) regarding the understanding of the broad field of violence. There is, in this study, also the presence of Bourdieu (2019), contributing to issues related to the construction of masculinity. Through this path, it is hoped to add a contribution to literary and gender studies, in the search for a world where deviant bodies can be respected, understood and accepted; of a more just world, where such bodies no longer need to go through constant violence, prejudice and discrimination.

**Keywords:** Gender; Sexuality; Violence; Literature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E AS OBRAS</b>	<b>16</b>
Alexandre Vidal Porto	16
<i>Cloro: de convenções sociais e desejos escondidos</i>	17
<i>Sérgio Y. vai à América: da derivação dos corpos</i>	19
<b>CAPÍTULO II – A SINGULARIDADE DOS CORPOS E AS FORMAS DE VIOLÊNCIA</b>	<b>23</b>
Violência e literatura: poder de mudar, medo da mudança	26
Sobre a violência de gênero a pessoas Trans	29
<b>CAPÍTULO III – GÊNERO, SEXUALIDADE, VIOLÊNCIA E EXPRESSÃO LITERÁRIA</b>	<b>40</b>
Gênero, suas singularidades e representações artísticas	42
Por Sandra e por tantas	44
O aviso de que ser bicha não era bom	48
Sobre armários e outros esconderijos	49
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa dialogar com as áreas de gênero, sexualidade e violência, levando em consideração a conjuntura política e as lutas que os movimentos relacionados aos direitos humanos, mais precisamente o movimento LGBTQIAP+<sup>1</sup>, têm travado na busca de uma vida igualitária e digna. A pesquisa busca apresentar, por meio da análise literária, como sujeitos distantes de um sistema heteronormativo<sup>2</sup> “padronizado” são tratados socialmente. Tal ideia de heteronormatividade é vista aqui como todo e qualquer comportamento sexual ou afetivo que esteja relacionado ao binarismo de gênero homem-mulher, no qual o sexo esteja determinando a identidade de gênero e conseqüentemente a condição sexual dos sujeitos. Historicamente, essa concepção tem causado diferentes formas de violência àqueles que não se enquadram no padrão. Daí a importância de questionar e compreender essas manifestações da violência presentes na sociedade, refletindo também as estratégias com as quais a literatura pode contribuir na luta constante contra comportamentos homofóbicos<sup>3</sup> que assolam a vida de diferentes pessoas. A representação estético-política que mostra, aqui, algumas facetas dessas questões é a obra do escritor brasileiro Alexandre Vidal Porto, particularmente dois de seus romances: *Sérgio Y. vai à América* (2014) e *Cloro* (2018).

Para melhor apresentar e discorrer sobre os assuntos, o texto está dividido em três capítulos. No primeiro, é feita uma breve apresentação do autor e do enredo das duas obras em questão. No segundo, são levantadas algumas considerações sobre os significados que giram em torno do conceito de violência, sempre em diálogo com as representações literárias análogas. É importante, de antemão, destacar certos relativismos com os quais o termo é interpretado, como compreende-se socialmente, e como isso influencia para que certas práticas violentas sejam mais legitimadas que outras. Ao mesmo tempo, interessa aqui pensar como a literatura expressa tais questões e como serve, também, como um espaço de reflexão e resistência ante elas. No terceiro capítulo, pretende-se desenhar um estudo sobre a questão do gênero em

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual e Pansexual.

<sup>2</sup> A heteronormatividade é a imposição de que apenas relacionamentos de pessoas de sexos opostos são considerados corretos ou normais.

<sup>3</sup> Há diversas formas de fazer referência aos preconceitos específicos relacionados aos campos do gênero e da sexualidade, aqui, homofobia, faz referência aos campos da identidade de gênero e condição sexual.

*Sérgio Y. vai à América* e *Cloro* a partir da reflexão crítica sobre a construção da identidade de gênero nas duas personagens principais, e sobre como essas identidades se comportam diante de um mundo determinado por padrões heteronormativos. Por fim, são entrelaçadas questões sobre gênero, sexualidade e violência a fim de entender melhor como a literatura as expressa e as ressignifica esteticamente, ética e politicamente.

Se há uma padronização forçada entre os corpos, que tenta relegar grande parte dos “desviantes” à opressão, infelicidade e violência, esta padronização é, sobretudo, construída artificialmente com diferentes aparatos ideológicos, epistemológicos e linguísticos. Insurgir-se contra tal opressão é também encontrar espaços diversos de embate. Entre eles, o campo da empatia, da alteridade e da solidariedade que pode conformar a escrita literária, um espaço onde histórias, memórias e experiências se ressignificam em sua contínua representação e recepção. Espera-se, ao longo deste trabalho, agregar uma contribuição aos estudos literários e de gênero, na busca de um mundo onde os corpos “desviantes” possam ser respeitados, entendidos e aceitos; de um mundo mais justo, onde tais corpos não precisem mais passar por constante violência, preconceito e discriminação. Um mundo onde todos possam se sentir seguros mediante sua coragem de ser feliz.

## CAPÍTULO I

### BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E AS OBRAS

#### **Alexandre Vidal Porto**

Alexandre Vidal Porto, nascido em São Paulo em 1965, é advogado, diplomata e escritor. Coursou Direito com o intuito de seguir a carreira diplomática, e mais tarde fez mestrado na Universidade de Harvard. Apesar de optar por esse caminho, já havia em si, segundo ele, o desejo de se tornar escritor, isso porque considerava tornar-se escritor algo mais completo do que exercer a diplomacia. Por atuar como diplomata, morou em Brasília, Nova York, Santiago, Cambridge, Washington, Cidade do México, Tóquio e Alemanha. Segundo entrevistas, Vidal Porto se considera um escritor tardio, pois seu primeiro romance foi escrito após seus 35 anos de idade. Ex-colunista da Folha de São Paulo, o autor mantinha um blog na Revista Bravo chamado “O elemento estrangeiro”. Já publicou três romances: *Matias na cidade* (2008), *Sergio Y. vai à América*, com o qual venceu o Prêmio Paraná de Literatura na categoria de melhor romance, e finalmente *Cloro* (2018). Estas duas últimas obras foram publicadas pela Companhia das Letras, são elas que abordaremos neste estudo.

Em entrevista recente à revista de Letras e Arte: Gláuks (2020), Alexandre foi questionado sobre o seu perfil literário como escritor, mais precisamente, se a sua prática como escritor busca responder problemas do cotidiano brasileiro. Sucintamente, Alexandre, pontua que o foco narrativo de suas obras não tem como objetivo central propor intervenções para os problemas sociais do Brasil, mas sim, por seus personagens serem brasileiros e suas obras serem construídas em contexto de Brasil, ele acredita que automaticamente suas obras passam esse olhar de ativismo. Por mais admiração que Alexandre sinta por esse perfil de escrita, suas obras apenas compartilham o cotidiano e por estarem inseridas em um contexto de preconceito, acabam passando estas impressões, porém, como diz o autor: “as questões sociais surgem como pano de fundo, como parte do cenário e do cotidiano dos personagens, não como protagonistas da história” (PORTO, 2020, p. 5).

## **Cloro: de convenções sociais e desejos escondidos**

Em *Cloro* (2018), Alexandre Vidal Porto apresenta um narrador-personagem chamado Constantino Cutis, casado com uma mulher chamada Débora e pai de dois filhos. Sua vida é marcada pelo assassinato brutal de um deles. Como um Brás Cubas contemporâneo, trata-se de um narrador defunto. Esse fato fica perceptível nas primeiras páginas da obra, quando diz “morri ontem de manhã” (PORTO. 2018. p, 11). A narrativa segue apresentando as características desse narrador-defunto:

Homem branco, um metro e noventa e dois de altura, noventa e seis quilos, cabelos castanhos grisalhos, calvo, vítima de acidente vascular cerebral, hemorragia importante no lobo parietal direito, jaz numa bandeja de aço no necrotério de um país estrangeiro. Esse pedaço de carne fui eu. Sou pai de André e Léa, marido de Débora, amigo de Emílio, irmão de George e filho de Ana Mélia e Pedro (p. 14).

A obra discorrerá então sobre a vida desse homem adulto, advogado bem-sucedido financeiramente, porém, com desafios quando o assunto é sua vida íntima sexual. Casado com Débora há bastante tempo, este personagem, ao longo de sua vida, luta com seus afetos e seus desejos. O casamento e a relação que ele estabelece com sua esposa, e até mesmo com a paternidade, apresenta-se como uma “prova” de sua suposta condição “heterossexual”. Uma prova que agora, em sua morte, passa a ser definitivamente questionada. Segundo o relato do narrador, seu relacionamento com Débora foi a confirmação de que ele não seria “bicha”, assim como a descoberta da paternidade significaria uma “prova” de sua virilidade. “Quando me casei, estava convencido de que todos os meus truques dariam certo para sempre. Quando minha mulher engravidou, me senti perfeito” (p, 32). No entanto, a condição sexual e afetiva desse personagem, esmagada entre o desejo pleno e as convenções sociais, será o impulso narrativo que agora advém de sua morte. A negação, identificação, construção e até mesmo o seu desfecho estão todas interligadas com sua sexualidade.

No seu relacionamento com a esposa sempre houve pouco sexo. Apenas conseguiram transar pela primeira vez durante uma viagem que fizeram e sabiam que depois dessa viagem haveria grandes intervalos sem sexo no relacionamento. Dessa forma, a vida sexual do casal sempre foi “fria”, se já não transavam com frequência, com a morte do filho André, o sexo do casal deixou simplesmente de existir. Débora ficou profundamente abalada. Constantino também, porém, diferentemente da esposa

– que não conseguia completar o trabalho de luto – com o passar do tempo, conseguiu lidar melhor com a situação. Com o decorrer da narrativa, percebe-se que para Débora a vida sexual do casal nunca foi, afinal, um grande problema. Já Constantino, pode-se dizer que era uma pessoa “encubada”, pois nunca havia se relacionado com outros homens, mesmo sentindo um forte desejo sexual. Sua atividade sexual homossexual “tomou” forma apenas depois de adulto. “Há coisas que vão necessariamente acontecer na sua vida, quer você queira, quer não, não adianta fugir. É mais ou menos assim. Eu sabia disso, só não queria acreditar” (p, 71).

A sua primeira e segunda relação sexual com outro homem ocorreu por consequência de sua curiosidade em relação aos aplicativos de relacionamento gay, porém, a terceira vez foi a que o marcou, porque daí também adviria o afeto, a paixão: Emílio.

Agora, que a minha vida sexual já se encerrou, posso dizer que, antes de transar com outro homem, a transcendência do sexo era algo que eu desconhecia. Foi como se eu tivesse passado a vida inteira assistindo televisão numa tela preto e branco, pequena, dessas de porteiro, com Bombril na antena, e, de repente, desse de cara com uma tela gigantesca, colorida, de alta definição. (p. 88).

Seu relacionamento com Emílio finalmente não dá certo, pois este era diplomata e teve que ir trabalhar fora do país, na Indonésia. Foi durante o relacionamento que teve com Emílio que ele pensou em se assumir definitivamente para sua família. Mesmo não tendo algo concreto entre os dois, chegou a pensar que teria uma vida feliz como desejava. “O que eu não sabia era que nossa relação seria inviabilizada não por um decreto do Itamaraty, mas por minha própria morte. Porque, enquanto havia vida, havia esperanças” (p, 74). Sempre nesse espaço de confrontação entre a convenção social e o desejo, Constantino morreu em uma sauna gay, no Japão, vítima de um acidente vascular cerebral. Consequentemente, sua família descobre sua condição. Como nas palavras de Débora: “Quando o consulado me mandou o relatório da polícia, minha filha Léa pesquisou o nome do local onde ele havia sido encontrado. Do nada, me perguntou se eu sabia ‘que o papai era gay’” (p. 133).

O romance *Cloro* expressa uma condição encoberta que só pode ser desvelada no momento da morte, é ela, a morte, que, enfim, liberta essa identidade aprisionada. A instauração de uma convenção a partir da qual um sujeito pode se realizar

econômica e socialmente apenas por meio da prova de sua heteronormalidade é aqui uma manifestação plena de violência. Mas essa violência é relativizada pelas próprias estruturas que mantêm essa convenção. Trataremos disso mais à frente, à medida em que forem se estabelecendo as relações com as constantes sociais e o repertório teórico levantado para entender o fenômeno. Agora, completando esta fase de apresentação, vejamos alguns detalhes da outra obra do autor.

### ***Sérgio Y. vai à América: da derivação dos corpos***

*Sérgio Y vai à América*, publicada em 2014 pela Companhia das Letras, foi vencedor do prêmio Paraná de Literatura na categoria romance. A narrativa inicia-se por meio de memórias do narrador-personagem, Armando. Trata-se de um senhor de 70 anos, viúvo há sete anos, pai, um psiquiatra que, segundo suas palavras, aparenta ter mais idade do que realmente tem. Intitula-se como um dos melhores médicos de sua cidade, pois é assim que as pessoas se referem a ele. Sua motivação em ser médico veio de seu pai, também médico. Quando jovem, sentia-se seguro por ter um pai médico e achava que estaria sendo blindado de qualquer dor, até mesmo da morte. Além disso, gostava de como as pessoas se referiam a seu pai, de como isso criava, ao redor dele, uma aura de deferência. Infelizmente, seu pai morreu em um acidente de carro quando o narrador ainda era jovem. Aos dezesseis anos, sua vontade de se tornar médico ficou mais forte. Formou-se em Medicina em 1967 pela Universidade de São Paulo, sempre o melhor da turma. Fez residência nos Estados Unidos e voltou ao Brasil para cursar o doutorado. Atuou também como docente, mas depois de aposentado continuou com poucos pacientes, afinal de contas, era o que lhe trazia felicidade.

Antes dos desdobramentos da história, logo no início, após sua breve apresentação, Armando informa que não gostaria de faltar com a ética de sua profissão, no caso, o juramento de não estabelecer comentários da vida de seus pacientes, porém, como ele mesmo menciona, já faltando com o juramento profissional, justifica-se que sua intenção é poder se tornar um médico melhor, ao mesmo tempo, um ser humano melhor também. Sérgio Y., o paciente de qual Armando comentará, chegou ao seu consultório por indicação de uma amiga. Um aluno “articulado, inteligente e confuso” (PORTO, 2014, p. 17). Ele procurava terapia pois “queria garantir um futuro minimamente feliz” (p. 22), dizia-se ser uma pessoa

muito pessimista e que sua natureza era deprimida.

Por alguma razão que não entendia, mais cedo ou mais tarde seu humor se revertia para um estado de infelicidade, que, segundo ele, parecia um dado permanente de sua realidade: um sentimento de tristeza constante, que não conseguia parar de sentir e cuja origem não podia identificar. Sua natureza íntima era infeliz. A afirmação “sou uma pessoa triste”, assim, entre aspas, consta das notas que tomei em nossa primeira sessão (p. 23).

Sendo assim, Armando ofereceu a Sergio Y. horário às quartas-feiras para que pudessem realizar as consultas, das cinco às seis da tarde. Sergio Y, segundo Armando: “considerava-se infeliz, sem que, no entanto, isso fosse perceptível. Era sóbrio. Sua tristeza não transparecia. Se não professasse seus sentimentos, ninguém saberia de nada. Jamais levantaria suspeitas” (p. 29). Tendo a infelicidade como um sentimento muito forte em sua vida, aquele paciente considerava muito as palavras de seu bisavô, “se a felicidade não está onde estamos, temos de ir atrás dela. Ela às vezes mora longe. Tem de ter a coragem para ser feliz” (p. 36). Tendo esse discurso como base, aquele paciente vivia em constante procura de sua felicidade. Chamava à atenção de Armando a frequência com que aquele jovem falava sobre seu bisavô, um tal Areg, “que decidira deixar Armênia e migrar para o Brasil” (p. 29). Foi no período entre 15 de dezembro de 2006 a 15 de janeiro de 2007 que Sergio Y. descobriu que poderia ser feliz. Viajou com a família em férias para Nova York e visitou o Museu da Imigração de *Ellis Island*, por indicação do próprio Armando. Foi somente nesse período de quatro meses que o tratamento foi suspenso. Voltando de *New York*, na primeira consulta pós viagem, Sergio Y. dispensou-se do tratamento que vinha realizando. Sua postura, segundo lembra Armando, era convicta: “Dr. Armando, acho que descobri uma maneira de ser feliz. Tive uma revelação numa de nossas conversas e acho que já sei como encaminhar a minha vida. Sinto que já não preciso voltar aqui. Desculpe-me não ter dito nada antes, mas eu não sabia” (p. 45 - 46).

Após alguns anos, Armando lembra ter encontrado Tereza Yacoubian, mãe de Sergio Y, no supermercado. Eles conversaram, ela o agradeceu por ter ajudado seu filho. Disse que Sergio Y. estava morando em Nova York, que se formou em gastronomia e abriu um restaurante chamado “Angelus”. A notícia no momento o surpreendeu: “Durante a terapia, o seu interesse pelas artes culinárias jamais emergiu. Para mim, a imagem de Sergio como chef de cozinha, dono de restaurante, era uma realidade quase implausível”. A recordação das sessões com o antigo

paciente, no entanto, o faz reconsiderar “a verdade era que eu não dispunha de informação suficiente para julgar a decisão tomada por ele. O que eu tinha eram impressões. Não poderia avaliar a firmeza de sua força de vontade” (p. 52). Apesar de tudo, a notícia sobre o antigo paciente o havia animado, era realmente gratificante saber que havia, de alguma forma, ajudado aquele rapaz. Um dia, quando lia despretensiosamente um jornal, entre uma notícia e outra, deparou-se com a seguinte informação:

Na manhã da última quinta-feira, a polícia de Nova York encontrou o corpo de Sergio Yaconbian, filho do empresário Salomão Yacobian. Sergio tinha vinte e três anos e vivia em Manhattan, onde era dono de um restaurante. O brasileiro caiu do quarto andar de sua casa no bairro do West Village. A polícia acredita que possa ter sido vítima de homicídio, embora não haja ainda indicação de suspeitos. Procurada pela reportagem em São Paulo, a família não quis dar declarações (p. 59).

Inicialmente, Armando não relacionou a notícia com seu ex-paciente e quando o fez, preferiu, no primeiro momento, achar que fosse engano ou se tratasse de alguém com o mesmo nome. Porém, com o decorrer do tempo, percebeu que era realmente ele, aquele jovem singular que disse um dia ter encontrado finalmente a felicidade. Essa tragédia inevitavelmente o levou a se perguntar: “como é que o paciente que sai otimista do meu consultório chega onde chegou? Quais foram as estações antes de sua morte estrangeira?” (p. 60). Inconformado com a morte de Sergio Y., quis saber mais sobre o que de fato aconteceu. Tereza o havia agradecido pelo ótimo trabalho feito com seu filho e depois ele descobre que o sujeito está morto. Decidido a saber o que havia acontecido, lembrou que, nos Estados Unidos, as informações sobre processos jurídicos são de domínio público, qualquer pessoa “que as requeresse formalmente poderia, ainda que por intermédio de um advogado, ter acesso às informações sobre qualquer crime cometido no país” (p. 64). Uma certa obsessão com a história leva Armando a entrar em contato com um advogado em Nova York, encaminhou um e-mail com as informações necessárias e aguardou o *feedback*. Três dias depois, recebeu uma mensagem de um tal Oliver Hosking informando que, na data indicada, não havia registro algum de homicídio consumado ou de tentativa de homicídio contra Sergio Emílio Y. em Manhattan”.

Contrariado, o psiquiatra ampliou o período de dias da pesquisa. Hosking retornou no dia seguinte informando que não havia nenhum registro com aquele nome, entretanto, “outra pessoa com o mesmo sobrenome havia sido assassinada em Grove

Street, no West Village” (p. 65), está na mesma data que ele havia indicado inicialmente. Hosking perguntou se Armando gostaria de ter acesso àquelas informações, ele confirmou. Segue o narrador: “de todas as informações que Hoskings me passou, os únicos dados que não faziam sentido eram o primeiro nome (Sandra) e o sexo (feminino) da vítima do assassinato em Grove Street, em 2 de fevereiro de 2010” (p. 65). A notícia dizia o seguinte:

Sandra Yacoubian, nascida em São Paulo, Brasil, em 10 de janeiro de 1988, fora encontrada pela diarista brasileira Edna Alves, morta, de bruços, numa poça do seu próprio sangue. Sandra fora empurrada do quarto andar pela vizinha. Caíra, quebrara o pescoço e morrera exangue no pátio do quintal da casa que dividia com sua assassina no número 12 de Grove Street (p. 65).

Diante dessas informações, o psiquiatra finalmente entendeu: “Sergio Y. e Sandra Yacoubian eram a mesma pessoa. Ou melhor, que eram derivações distintas de um mesmo corpo” (p. 66). Após essa descoberta, Armando começa a questionar-se sobre o seu profissionalismo e começa, também, a criar suposições de que talvez ele tenha culpa na morte de Sandra em um conjunto de lembranças sobre os encontros com o antigo paciente. A história tem vários desdobramentos, no entanto, o que nos interessa nesse momento são esses registros da memória que constroem essa vida de Sandra, principalmente a fim de compreender o processo da construção da identidade de gênero da personagem e os aspectos ligados à violência.

## CAPÍTULO II

### A SINGULARIDADE DOS CORPOS E AS FORMAS DE VIOLÊNCIA

Uma pergunta sucinta, porém, mais complexa do que se pode imaginar: O que é violência? Há uma resposta única? Há apenas uma ou vários tipos de violências? A violência pode ser relativa? Enfim, percebe-se que não há nada de sucinto na tentativa de responder tais perguntas com poucas palavras. Sendo assim, não haverá uma resposta única, mas sim, diálogos, pois o *corpus* de violência analisado neste trabalho está direcionado ao campo de gênero e sexualidade, mais precisamente, identidade de gênero e condição sexual. Jaime Ginzburg (2012, p. 07), evidencia: “[...] A pergunta precisa ser reformulada, de modo que não admita a violência sob nenhuma condição: ‘Por que um ser humano mata outro?’, ou, genericamente, ‘Por que um ser humano agride outro?’ são perguntas necessárias”. Para além das discussões dos campos específicos do presente texto, chama-se a atenção para a presença da violência em diferentes contextos. Sabe-se que a violência sobre a identidade de gênero<sup>4</sup> e condição sexual<sup>5</sup> ocorre por não haver um reconhecimento de comportamentos divergentes ao sistema heteronormativo. Tais formas de violência, histórica, social e institucionalmente construídas, buscam tirar a singularidade dos corpos humanos, submetendo-os à uma padronização, ou simplesmente excluindo ou destruindo vivências que não condizem com o aceitável socialmente.

Mesmo não existindo um consenso teórico, para os fins deste trabalho, podem-se assumir algumas posições concretas. A violência é entendida aqui como construção material e histórica. Não se trata de uma manifestação que seja entendida fora de referências no tempo espaço. Ela é produzida por seres humanos, de acordo com suas condições concretas de existência (GINZBURG, 2012, p. 08).

Ginzburg (2012, p. 14) lembra que tal tradição da violência, inclusive suas expressões totalitárias, ainda faz parte marcante da vida moderna: “[...] o genocídio não é uma exceção da política moderna, é uma de suas práticas ordinárias”. Se tivéssemos a disponibilidade emotiva de reagir com intensidade a cada uma das notícias que recebemos sobre guerras, genocídios, destruição, nosso aparelho

---

<sup>4</sup> O gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento (JESUS, 2012, p, 14).

<sup>5</sup> Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero (JESUS, 2012, p, 15).

psíquico provavelmente não suportaria”. A própria dimensão dessa violência, segundo o autor, também nos prostra, incapazes e até resignados diante dela. “A quantidade de informações é tal que ultrapassa imensamente uma medida humana de capacidade de disposição para uma reação sensível adequada (GINZBURG, 2012, p. 23).

“Há espaços institucionalmente legítimos para a violência”, afirma Ginzburg, como o campo do militarismo ou da polícia, por exemplo. Neste caso, inclusive protegidos pela lei. Por outro lado, há outros espaços legitimados socialmente para o exercício da violência. Como lembra o autor: “Uma luta de boxe, por exemplo. Machucar o corpo da atleta oponente é favorável ao resultado da luta. Trata-se de um ser humano causando danos ao corpo do outro; podemos aplaudir, porque é um esporte” (p. 83). Analisando por esta perspectiva, percebe-se que há violências aceitas na sociedade e que não são vistas como “violência”, mas sim como uma prática aceitável. Porém, é interessante ressaltar que há interesses em naturalizar certos tipos de violência e deslegitimar outros, como por exemplo, o não reconhecimento da condição homossexual como uma relação sexual/afetiva válida na sociedade. Novamente nas palavras de Ginzburg:

No que se refere o debate sobre violência, em razão de interesses da política conservadora e de setores da mídia, a atenção hoje no Brasil é conservadora e de setores da mídia, a atenção hoje no Brasil é constantemente dirigida para situações associadas à chamada violência criminal. Nessa perspectiva, o problema não é tanto existir violência propriamente, mas que ela saia do controle, caindo nas mãos de bandidos desconhecidos, em geral associados ao tráfico de drogas (p. 83).

O debate sobre identidade de gênero e condição/orientação sexual deve ocupar espaços e promover reflexões nos mais diversos meios e instituições. O que há décadas era visto como tabu, no século XXI é visto como um tema a ser debatido e compreendido, uma necessidade urgente. As estatísticas comprovam que ocorrem diariamente manifestações e atos de violência e preconceito com relação a pessoas devido questões relacionadas a gênero e sexualidade. No ano de 2016, segundo reportagem do jornal americano *New York Times*, o Brasil foi considerado o país mais perigoso para homossexuais; e segundo o jornal *Exame*, cerca de 1,6 mil pessoas foram mortas no Brasil por razões homofóbicas. Tais estatísticas comprovam a necessidade de se discutir essa questão nas universidades, nas escolas, na sociedade, nas instituições de formação humana, pois a consciência e a

compreensão, assim como o respeito pelo outro, a capacidade de viver a alteridade precisa ser desenvolvida e propagada.

Porém, mesmo sabendo da necessidade de estabelecer diálogos sobre determinados temas, na atualidade, partindo de uma análise da conjuntura política brasileira, falar sobre gênero, sexualidade, partindo do viés de análise das identidades e condições, passou ser sinônimo do termo “ideologia de gênero”. Termo bastante utilizado nas últimas eleições políticas com o intuito de estabelecer divisões bem claras sobre quais corpos são aceitos e quais tipos de comportamentos são validados socialmente. Ainda que o termo ideologia de gênero seja interpretado de forma equivocada, pois se pararmos para pensar: quais gêneros e comportamentos são as ideias na sociedade? Chegaremos à conclusão que já se estabelece uma ideologia de gênero marcada pelo binarismo homem e/ou mulher (cis), de uma condição sexual heterossexual, ou seja, quais organizações estão demarcando os gêneros ideias?

Por mais que o termo seja cotidianamente demarcado e direcionado como uma invenção da comunidade LGBTQIAP+ e/ou comunista, ainda sim, percebe-se que são os poderosos que definem e demarcam os gêneros e comportamentos ideias na sociedade (antiga ou moderna). Enquanto comunidade, dizemos que somos plurais, diversos e fora de padrões únicos. De um lado há um leque de possibilidades existentes e do outro um espaço demarcando os papéis de gêneros e atribuindo suas atitudes sexuais. A ideologia de gênero está a serviço de quem? Efetivamente quem promove gêneros ideias? Diante dessa explanação geral sobre as identidades de gênero e questões da sexualidade, cabe refletir sobre como a literatura tem dialogado com essas questões. Tendo clareza de que a literatura contribui para formar leitores críticos e propensos à compreensão e à empatia, destacamos algumas reflexões importantes promovidas pela literatura sobre sociedade e sua cultura.

Percebe-se que há vários tipos de violências naturalizadas e crimes cometidos por pessoas que deveriam proteger, e de certa forma, organizar a sociedade. Por ocuparem um espaço de proteção legal, ou prestígio, não sofrem as mesmas penalidades que “bandidos” naturalmente reconhecidos. Com isso, novamente o questionamento anterior: A violência pode ser relativa? O ensaio de uma resposta implica o exame das convenções sociais e culturais a partir das quais se legitima ou não certo tipo de violência. Tais convenções naturalizam certos tipos de violência a depender muitas vezes sobre quem elas recaem. A proposta que se apresenta aqui é

intuir se a literatura não serviria como um espaço de reconhecimento de algo que, dada sua naturalização forçada, muitas vezes passa despercebido na sociedade.

### **Violência e literatura: poder de mudar, medo da mudança**

Há vários questionamentos sobre o papel da literatura nos debates sobre violência. Há credibilidade em debater violências “reais” partindo de uma obra de ficção? Ginzburg, nos responde: “O acesso a questionamentos sobre a violência por meio da literatura permite romper com a apatia, o torpor, de um modo importante. Textos literários podem motivar empatia por parte do leitor para situações importantes em termos éticos” (GINZBURG, 2012, p. 24). Aqui uma chave para nossa leitura:

[...] É pelo trabalho com a forma que essa obra se especifica, distinguindo-se de linguagens de cientistas, falas institucionais, discursos triviais. A forma é polissêmica e aberta. Entre forma artística e história, podem existir mediações; e o trabalho de interpretação envolve uma reflexão sobre mediações (p. 35).

Como afirma o autor, para além da categorização das obras sendo de ficção ou não, cabe ao leitor compreender que “a violência é construída no tempo e no espaço. Suas configurações estéticas estão articuladas com processos históricos. Um trabalho de interpretação deve levar em conta as relações entre as configurações e processos” (p. 35)”. Segundo Ginzburg, “A convivência com a literatura permite criar um repertório de elementos – imagens, ideias, posições, relatos, exemplos – que interessa para a constituição de orientações éticas individuais e coletivas”. Esse repertório, prossegue o autor, contribui para um debate aberto, diversificado, sobre o tema. “A qualidade desse debate é única, porque sua matéria são textos polissêmicos, abertos, cujas possibilidades de interpretação são renovadas constantemente” (p. 106 - 107).

Antonio Candido (2006), em *Literatura e Sociedade*, traça dois questionamentos norteadores sobre os aspectos da obra de arte e o social: a primeira para refletir “em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais” (CANDIDO, 2006, p. 29). Seguindo essas palavras, a leitura das obras literárias selecionadas para este estudo moveu-se a partir da intenção de analisar como a arte e a literatura expressam, ou podem expressar, os pensamentos e as relações sociais. Isso sem tirar sua particularidade enquanto

produto estético, articulado a seu modo como narrativa artística. Ao ter a literatura como um produto social, pode-se refletir e analisar “em que medida certa forma de arte ou certa obra correspondem à realidade” (CANDIDO, 2006, p. 29). Tal pensamento contribuiu para reflexões sobre a verossimilhança entre as obras *Cloro* (2018), *Sergio Y. vai à América* (2014) e aspectos particulares da vida de pessoas que sofrem para assumir seus afetos e desejos. Para além disso, reflete-se também sobre o poder e influências da literatura enquanto espaço alternativo de memórias, histórias e experiências, a partir das quais é possível outras impressões sobre a realidade?

No título desta seção foi proposta a reflexão de que se literatura poderia fazer do mundo um espaço menos violento, ao mesmo tempo, provoca-se para o seguinte levantamento: Quem tem medo da literatura? Em *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, apresenta-se uma expressão particular de dominação, um mundo onde seja proibido refletir criticamente e imaginar. Para além de uma distopia, esse texto traz reflexão sobre o poder da literatura e a influência que os livros geram nas pessoas, ou seja, livro não é apenas papel com letras e tinta, livro também cria, seja partindo da ficção ou não. Algumas autoras, como Renata Barreto Malta, Carina Luisa Ochi Flexor e Alianne Amado Nunes Costa, destacam, por exemplo, esse temor sobre o poder da literatura, promovido pelas ditaduras latino-americanas:

[...] Na América Latina, as ditaduras militares também implantaram instrumentos de censura à leitura. No Brasil de 1964, o golpe militar fez-se território de apreensão de livros, destruição de bibliotecas, perseguição (morte) de autores, ataques às universidades por forças militares por subversão à ordem (MALTA; FLEXOR; COSTA; 2020, p. 03).

Trazendo essas questões às reflexões sobre a violência de gênero, essas autoras, em seu trabalho intitulado *Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+ (2020)*, estabelecem direcionamentos para se pensar na literatura não apenas como um lazer, um passatempo desprezioso, mas como uma ferramenta de combate, quer seja dos conservadorismos, quer seja na amplitude das lutas de classe, gênero e raça. Em um contexto brasileiro mais recente, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, no ano de 2019, houve a censura inicialmente de uma *HQ* de super-heróis, pois nesta *HQ* específica havia o beijo entre dois personagens homens. O que levou em seguida a censura de obras LGBTQIAP+ no evento. Levando em consideração o público-alvo infanto-juvenil que consome este tipo de literatura, fica evidente que qualquer comportamento que não seja heteronormativo ainda corre o risco de ser

censurado.

[...] A junção das ideias presentes nos comentários nos direciona a deduzir que o beijo entre dois personagens masculinos, ilustrado na história em quadrinhos em questão, extrapola a demonstração de afeto e, aqui, é lido como “inapropriado” para o público infanto-juvenil, revelando que qualquer ato que remeta a comportamentos não hegemônicos no que concerne à sexualidade deveria apartar-se das crianças, contribuindo para a manutenção da heteronormatividade (MALTA; FLEXOR; COSTA; 2020, p. 08).

Outro possível movimento que pode ser feito para enriquecer essa discussão é fazer uma análise sobre os índices de leitura e para além desses índices, analisar o que está sendo lido. As autoras se baseiam em dados reveladores a partir da “Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2016). Segundo tal levantamento: “42% dos leitores brasileiros – pessoas que declararam ter lido ao menos um livro ou partes dele nos últimos 3 meses – afirmaram ter lido a Bíblia, e 22%, livros religiosos”. Assim, prosseguem as autoras, “o livro-referência supremo ligado à Igreja, o primeiro dos quais a Bíblia, serve, então, para desqualificar e prescrever todos os livros que se afastem dos valores que o livro em si veicula” (ECO E CARRIÈRE, 2010, p. 254 apud MALTA; FLEXOR; COSTA; 2020, p. 10).

Isso nos leva a outra pergunta: a serviço de quem está a literatura? Para as autoras, “o perigo está numa cultura construída à imagem e à semelhança dos sujeitos heterossexuais”. Isso porque excluí outras formas de vida que não seguem esse modelo determinado. Tal processo de exclusão, prosseguem: “desumaniza seres humanos, apaga-lhes a subjetividade, retira-lhes a existência. A resistência a essa violência desumanizadora também acontece em espaços onde outras histórias de amor podem ser vividas, como no espaço literário” (p. 9). Não há um lugar onde pessoas LGBTQIAP+ possam viver em harmonia, pois na realidade os índices e as estatísticas voltadas ao público LGBTQIAP+ são massacrantes, e quando a vivência está na literatura seja ela de ficção ou não, ainda sim, há censuras, pois suas subjetividades sempre são questionadas e julgadas como inadequadas para o convívio social.

Para além dos objetos de estudo do presente texto, há inúmeras obras que retratam as consequências de se viver uma sexualidade/afetividade sem prestígio, na literatura, *Aqueles Dois*, de Caio Fernando Abreu (1982), retrata exatamente como a sociedade reage ao supor que dois homens possam ter uma relação para além de uma amizade convencional. Na obra, Raul e Saul sofrem atos de violência por

demonstrarem uma afetividade além do “normal”. Uma relação, aos olhos do leitor cheia de subjetividades, silêncios, medos, mas acima de tudo, desejo. O desejo de encontrar a felicidade que falta em você ao olhar nos olhos do outro e ao mesmo tempo sentir medo por ter se encontrado. Raul e Saul sentem o desejo de estarem juntos, mas no silêncio habita o medo de desejarem tanto a presença um do outro.

Na realidade tangível do Brasil, a violência à qual são submetidas as Travestis e Transexuais deixa em evidência como os corpos dessas identidades são matáveis e descartáveis. Ainda neste trabalho, logo nas próximas sessões, serão abordadas reflexões acerca das construções das identidades Trans, e é válido ressaltar que para a construção dos possíveis diálogos, foi estudado a obra *Transfeminismo*, de Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2021), mulher travesti. Com isso, enfatiza-se a importância de dar voz/espço para que os corpos invisibilizados no cotidiano, possam falar de suas vivências, experiências e pesquisas por si próprios. Quantas travestis ocupam os mesmos espaços que os seus? Com quantas amigas/conhecidas/colegas travestis compartilhamos nossas vidas/espços?

Acima, foi utilizado o termo “invisibilizados” fazendo referência a falta de reconhecimento humano em relação as identidades *trans*, porém, os mesmos sujeitos que negam seus direitos e existências, causando esta invisibilidade, procuram seus corpos nas esquinas escuras para satisfazer os seus desejos encubados de forma clandestina. Em *Cloro* (2018), Constantino, satisfazia-se de forma clandestina, será que é possível estabelecer conexões em relação ao público que as travestis e transexuais atendem nas ruas? Quem são essas pessoas que se relacionam no sigilo? Do que elas têm medo?

São corpos negados ao público, aceitos somente nas esquinas, e quando aceitos, apenas no período noturno mal iluminado e longe de grandes atrações dos centros das cidades. Clandestinos, mas desejados no privado com grande intensidade, pois estatisticamente, o Brasil é o país que mais consome conteúdo adulto relacionado à travestis/transexuais. Quem tem medo de travesti? E por quê?

### **Sobre a violência de gênero a pessoas Trans**

Segundo dados do projeto Além do Arco-Iris/AfroReggae (ANTRA, 2018, p. 07), “diariamente ouvimos falar que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. E o que temos feito em relação a isso?”. Com base nesse questionamento e

com o trabalho de pesquisa da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil, temos os seguintes dados: “No ano de 2017, lembrando incansavelmente da subnotificação desses dados, ocorreram 179 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 169 Travestis e Mulheres Transexuais e 10 Homens Trans”. O relatório segue com um dado alarmante; “Destes, encontramos notícias de que apenas 15 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 10% dos casos” (ANTRA, 2018, p. 14). Ainda sobre as estatísticas que a pesquisa da ANTRA (2018) realizou, tem-se “a estimativa de que a cada 48h uma pessoa Trans é assassinada no Brasil e que a idade média das vítimas dos assassinatos é de 27,7 anos” (ANTRA, 2018, p. 16).

É evidente que existe um fator socioeconômico divergente entre Sandra Yacobian, da obra de ficção, e as vivências de travestis que lutam para sobreviver nas cidades latino-americanas, porém, percebe-se que a violência está além do poder aquisitivo. A Sandra do romance de Porto (2014), teve, por conta de sua condição financeira, a oportunidade de realizar o processo de adequação da sua identidade de gênero e sua realização profissional, uma realidade bastante diferente de muitas travestis que se submetem a colocar silicone industrial em seus corpos, em clínicas clandestinas, com o intuito de se sentirem pertencentes ao mundo, ao seu espaço existencial. Muitas delas não terão como viajar para locais mais tolerantes ou terão dinheiro para abrir seu próprio negócio sem serem submetidas a todas as formas de discriminação e preconceito no mercado de trabalho. De acordo com dados levantados pela ANTRA, diferente da obra de ficção, “90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido à dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e a deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social, familiar e escolar” (ANTRA, 2018, p. 18).

Geralmente essas pessoas aprendem cedo com a violência que recai sobre seus corpos, segundo os dados recolhidos pela ANTRA, “Estima-se que 13 anos de idade é média em que Travestis e Transexuais são expulsas de casa pelos pais. E que cerca de 0,02% estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental” (ANTRA, 2018, p. 18). Ao analisarmos a falta de qualificação profissional de travestis e transexuais, conforme os índices da ANTRA, pode-se inferir que a falta de apoio familiar é um dos fatores principais para essa situação, haja visto que muitas são expulsas de casa muito jovens, sem terem terminado o Ensino

Fundamental II. É obvio que a maioria não terá acesso, como o personagem Sergio Y., no romance de Porto (2014), a psicólogos e terapeutas para falar de seus dramas existências. Mas vejamos como esta questão se manifesta nesta obra em particular.

Letícia Carolina Pereira do Nascimento, mulher travesti, em sua obra intitulada *Transfeminismo* (2021), traz como objetivo geral, definições e explicações acerca do transfeminismo, porém, para além das definições específicas da área do transfeminismo/feminismo, pois a obra está para apresentar, compartilhar e definir conceitos relacionados aos estudos de gênero com foco no protagonismo da mulher *trans/travesti*. Letícia, traz consigo neste trabalho, todo o seu conhecimento relacionado as identidades de gênero e condições sexuais, conhecimento construído por meio de trocas e leituras acadêmicas, mas também, conhecimentos singulares, pois as experiências que Letícia carrega enquanto mulher travesti, contribuem com enorme relevância o seu trabalho, dessa forma, trazendo para o seu campo de pesquisa a reflexão de que as experiências particulares da autora são de suma importância. Sobre o termo *trans*, segundo a autora:

[...] De modo particular, as seguintes identidades estão contempladas no termo “trans”; transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias. Já o termo “mulher trans” refere-se a mulheres transexuais e mulheres transgêneras. E é importante dizer que apenas do termo “travesti” estar contemplado no termo “trans”, no intuito de reforçar essa identidade de gênero bastante marginalizada socialmente, opto por geralmente fazer referência à travesti fora do termo guarda-chuva, assumindo, portanto, uma postura política de afirmação das identidades travestis (p. 18 e 19).

Para além das possíveis definições das identidades de gênero, Nascimento (2021), evidencia a amplitude presente no termo *trans* que geralmente é associado como apenas uma única identidade de gênero, porém, como se pode perceber, há várias possibilidades dentro do próprio termo, assim como, há inúmeras outras possibilidades fora do termo *trans*, e dentro da comunidade LGBTQIAP+, ou *queer*, como alguns autores e estudiosos preferem mencionar.

Ainda sobre a complexidade do tema identidade de gênero, além do termo *trans*, e sim das possíveis identidades de gênero, parto de um discurso bastante conhecido de Simone de Beauvoir (2016), renomada autora dos estudos de gênero. Beauvoir (2016), pontua sobre as singularidades de ser mulher, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher (p. 11)”, ou seja, as nossas identidades não são

necessariamente definidas por meio de atribuições biológicas, genitálias (mais conhecido por sexo), mas sim por construções singulares.

Nesses termos, deixando a diferenciação sexual ao terreno da biologia, que, para a filósofa existencialista, faz uma divisão entre macho e fêmea, Beauvoir (1970) assinala que, se há discursos do tipo “se comportem como mulheres”, por exemplo, é porque a anatomia biológica não é suficiente para “ser mulher”. Assim, a filósofa conclui que “tornar-se mulher”, e esse processo de tornar-se se faz na relação com o homem, que é dominante, em um entendimento sartreano, um “ser em si”. A mulher, impedida de constituir um “ser para si”, é marcada como *Outro*, ocupando uma hierarquia de submissão em relação ao homem.

O grande paradigma em relação as identidades de gênero é: Se as definições/determinações biológicas definem o sexo (identidade de gênero), por qual motivo existe a necessidade de moldar comportamentos e atitudes específicas para cada gênero dentro do próprio binarismo homem-mulher? Pode parecer complexo, mas por meio de análises fica claro que não são as genitálias biológicas que estão definindo as identidades, mas sim os papéis atribuídos a cada sexo. Sendo assim, o que deveria ser natural (biológico) sofre interferência afim de cumprir determinado papel na sociedade. Com isso, também se questiona: quem ou o que define(m) os papéis de gênero e com que finalidade? Segue a autora: “Nesse caso, é comum que se façam perguntas para pessoas *trans* do tipo: ‘Quando você se tornou mulher?’ (2021, p. 98)”. Para Nascimento (2021), o assombro diante desse tipo de pergunta é que “ninguém pergunta isso para pessoas *cis*, pois se supõe que elas tenham construído seus gêneros de forma natural e não artificial (2021, p. 98)”.

Outra reflexão muito importante é a forma como as identidades são construídas em seus discursos. Perceba: aquilo que não é *cis*<sup>6</sup> é *trans*, e ao não ser *cis* carrega consigo a ideia de uma construção artificial, porém, anteriormente já foi mencionado que o biológico não cumpre a função (requisito) de atribuir suas identidades, logo, todas as identidades, *cis* ou *trans*, são construções subjetivas, logo, ambas “artificiais”. Claro que fica evidente que há construções de prestígio – *cis* – por esse motivo são denominadas “naturais” e identidades marginalizadas – *trans* –, artificiais.

---

<sup>6</sup> “Cisgênero” é uma palavra composta por justaposição do prefixo “cis” ao radical “gênero”. O prefixo “cis”, de origem latina, significa “posição aquém” ou “ao mesmo lado”, fazendo oposição ao prefixo “trans”, que significa “posição além” ou “do outro lado”. “Cisgênero” estabelece uma relação de antonímia com a palavra “transgênero” (BAGAGLI, 2015, p 13 *apud* NASCIMENTO, 2021, p. 97).

[...] Os indivíduos cisgêneros se autodeterminam como homens e mulheres de verdade, já que percebem que sua congruência pênis/gênero masculino e vagina/gênero feminino é validada socialmente, sobretudo pelos discursos médico-psiquiátricos, que se constroem a partir da moral, e não de uma neutralidade (NASCIMENTO, 2021, p. 98).

Uma moral pela qual homens e mulheres trans/travestis são cotidianamente massacrados por não fazerem parte de uma identidade de prestígio, sendo que todas as identidades são construções subjetivas e na nossa realidade, moldadas a partir de uma relação de poder. Neste caso, como argumenta a autora, expressões como “adequação sexual” ou “processo transexualizador” fariam pouco sentido, porque “reforçam a perspectivas de que os corpos cisgêneros são naturais e os corpos transgêneros, artificiais”. Para pessoas que fazem rinoplastia, por exemplo, lembra a autora “não existe ‘adequação de nariz’, tampouco mulheres que colocam próteses nos seios fazem ‘adequação de seios’; as pessoas cisgêneras simplesmente fazem cirurgias”. É assim, segundo ela, “que devemos tratar os corpos transgêneros” (NASCIMENTO, 2021, p. 146). Não há questionamentos de identidades quando pessoas *cis* realizam procedimentos estéticos em seus corpos para se sentirem aptos as convenções sociais dos gêneros. Homens e mulheres *cis* realizam procedimentos cotidianamente e nem por esse motivo passam por criteriosos exames psicológicos para terem autorização de modificar seus corpos. Diferentemente da condição das identidades *trans*, onde são tratadas como “Disforia de gênero” no DSM-5, ao requerer qualquer procedimento para se construir fisicamente uma identidade de gênero.

Paralelamente a Nascimento (2021), Chimamanda Ngozi Adichie (2015), em sua obra intitulada *Sejamos todos feministas*, traz importantes reflexões e contribuições para a construção de diálogos acerca das identidades de gênero. A partir da consideração de que ser feminista é (2015, p. 49) “[...] uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos”, o foco principal da obra de Adichie é apresentar suas reflexões e experiências enquanto mulher negra e sua atuação na sociedade. Atuação, esta, moldada e podada em detrimento aos papéis de gênero que são atribuídos aos homens e mulheres. Sua percepção e noção em relação aos papéis atribuídos aos gêneros chegou ainda na infância, ou seja, de que não poderia ser a monitora da sala, mesmo sendo a pessoas com o melhor desempenho, porém este espaço de poder sempre seria ocupado pelos meninos; Ou quando um garoto e uma garota decidem sair juntos, a conta será paga pelo menino,

pois este é o papel de um homem. Ainda assim, a autora enfatiza que mulheres solteiras depois de determinada idade são consideradas “encalhadas”, porém, homens solteiros nas mesmas condições que as mulheres, são lidos socialmente como preocupados com o seu crescimento pessoal.

Adichie contribui de muitas formas para o presente diálogo, mesmo apresentando experiências e visões distintas sobre um mesmo debate, percebe-se o entrelaçamento das pautas do feminismo, transfeminismo e as identidades de gênero. O que estas pautas têm em comum? O enfrentamento ao patriarcado, machismo, heteronormatividade, homolesbotransfobia e tantos outros tipos de violências.

Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas de quinze anos. Se tivessem nascido há cem anos, teriam sido assassinadas: há cem anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje essa prática é impensável para nós (ADICHIE, 2015, p 47)

Para a autora (p. 48) “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”. Mudar esta cultura que diminui mulheres, sejam elas cis, trans, travestis ou dentro das possíveis mulheridades. Mudar esta cultura que ao atribuir papéis de gênero, poda tantas outras possibilidades de construções sem levar em consideração as subjetividades e os desejos de cada sujeito. Mudar esta cultura que não permite existir condições sexuais distintas dentro de uma mesma identidade de gênero.

Esperava-se que com o passar dos anos e com a presença de denúncias em relação as violências, que os dados, índices e pesquisas tendo como recorte as experiências de pessoas trans, travestis e não-binárias, fossem diminuir, ou seja, com a presença do levantamento de dados proporcionados pelas pesquisas, haveria uma melhora significativa levando em consideração a segurança de pessoas trans, travestir e não-binarias no Brasil, porém, levando em consideração o dossiê mais recente da Antra (2022), fica evidente que ainda há uma relação de poder explícita no processo de apagamento de vidas trans, travestis e não-binarias.

Temos assistido a um levante contra as discussões sobre linguagem inclusiva de gênero para pessoas Não-Binárias, projetos de Lei antitrans e o discurso que incluiu o ódio religioso contra direitos LGBTQIA+ tem ganhado mais espaço, trazendo impactos significativos no dia a dia, também fora das redes

sociais, colocando os corpos de pessoas trans em risco aumentado de serem violadas e violentadas fisicamente. Dentre a comunidade LGBTQIA+, o grupo mais violado e que sofre as maiores violações de direitos humanos são as travestis e mulheres trans (ANTRA, 2022, p. 8).

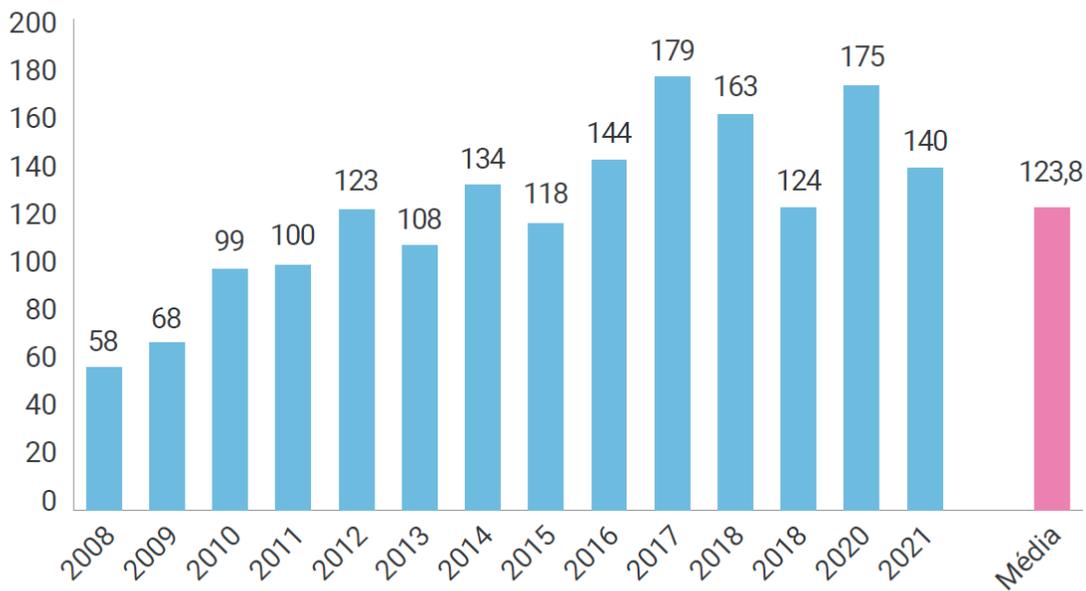
Ao mesmo tempo em que ocorreram mudanças positivas para a comunidade LGBTQIAP+ no Brasil, ainda assim, as violências sofridas pela comunidade trans/travesti, considerando o atual governo, continuaram em ascensão e sofrem um grande impacto de deslegitimação de seus corpos cotidianamente. Essa violência, destaca o informe, é subnotificada, dadas as próprias limitações da pesquisa na busca dos dados. Mas isso, sobretudo, é em devido a inexistência de informações governamentais sobre violência LGBTfóbica, tanto por parte dos estados como pelo governo federal, que insistem, segundo os autores do relatório, “em uma política de manutenção da subnotificação sistêmica para negar a violência específica contra essa população”. No entanto, apesar das limitações, essas informações demonstram, a partir das informações alcançadas, “que o Brasil vem passando por um processo de recrudescimento em relação à forma com que trata travestis, mulheres transexuais, homens trans, pessoas transmasculinas e demais pessoas trans” (ANTRA, 2022, p. 18).

Os dados apresentados pelo Antra (2022) são alarmantes, porém, mesmo sendo alarmantes, deve-se levar em consideração que o Estado não cumpre com o seu papel de notificar de forma adequada as violências sofridas por essa comunidade, contribuindo para que os dados da pesquisa sejam configurados como subnotificados, ou seja, há presença da violência é efetivamente maior do que os dados apontam.

O objetivo do presente dossiê é garantir que as Gisbertas, Dandaras e tantas outras possam ter o direito à vida assegurado e que o país deixe de ser o que mais assassina pessoas trans do mundo. Para tal, lutamos para que as informações que vêm sendo construídas sejam atualizadas e utilizadas para pensarmos em formas de erradicar a transfobia, a travestifobia, o transfeminicídio e outras violências diretas e indiretas contra a população trans não apenas no Brasil, mas possam, com as janelas que se abrem a partir das trocas de informações, alcançar uma eficaz em todo o ciclo da violência transfóbica, que é estrutural e estruturante de nossa sociedade. (ANTRA 2020 apud ANTRA 2022, p. 18).

Sendo assim, com o objetivo de contribuir com o acesso à informação, abaixo alguns gráficos apresentados a presença da violência mencionada no dossiê da Antra (2022).

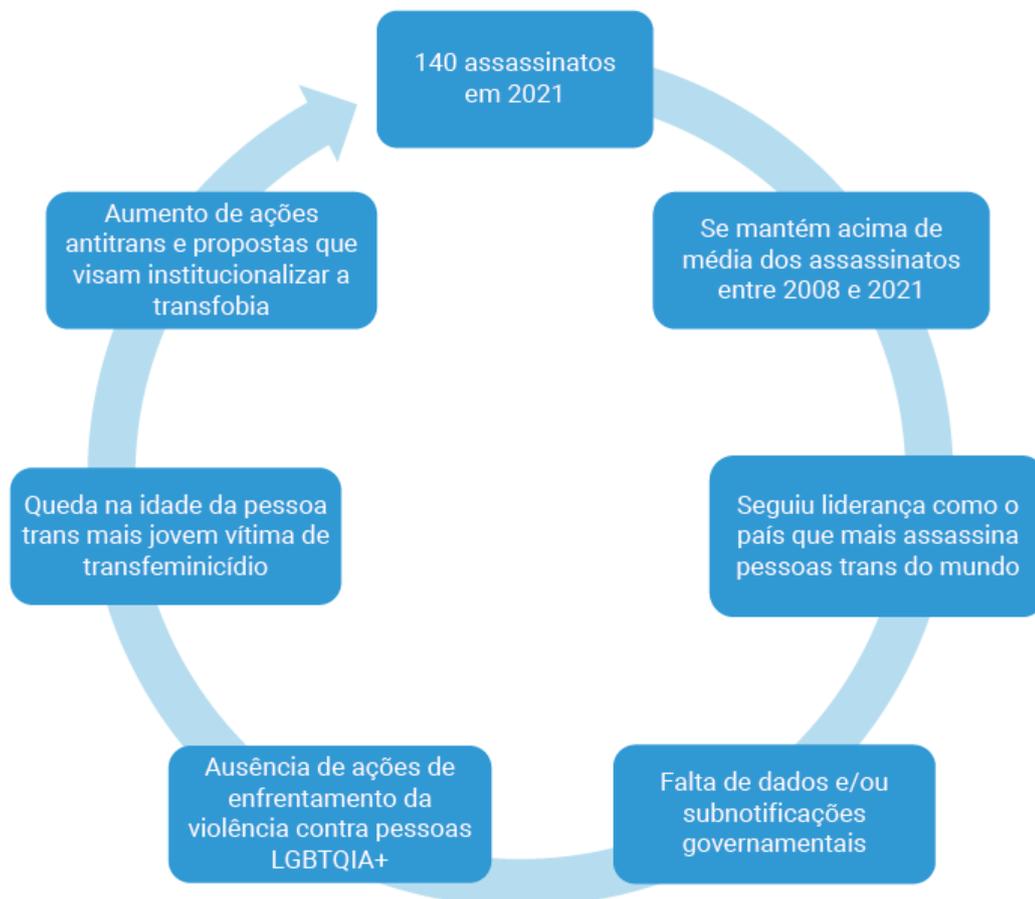
**Gráfico: Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2021<sup>26</sup>**



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2022.

Fonte: Antra 2022.

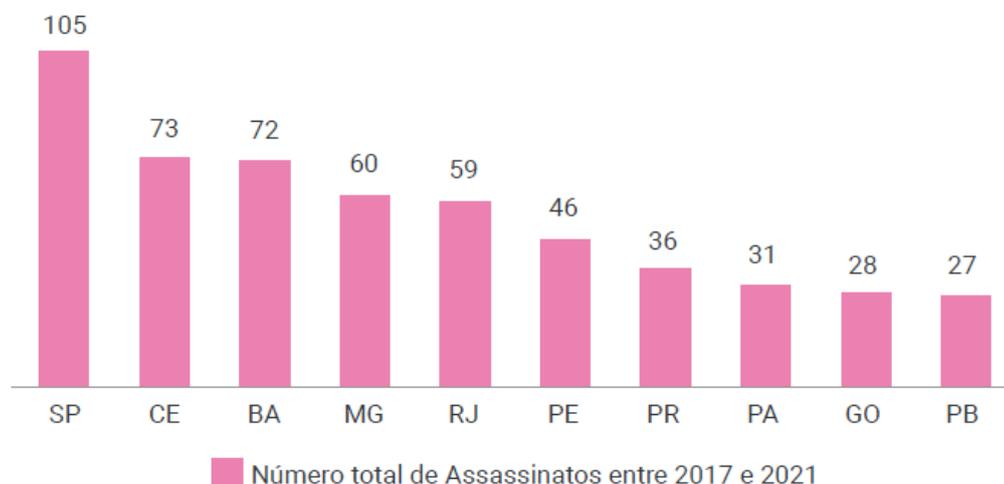
**Quadro: Cenário geral dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil em 2021**



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2022.

Fonte: Antra 2022.

Tabela: Estados que mais assassinaram pessoas trans (2017-2021)



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2022

Fonte: Antra 2022.

No primeiro gráfico, *Gráfico: Percentual de aumento e diminuição dos assassinatos – entre 2008 e 2021*, percebe-se o movimento de alta e baixa em relação aos números de assassinatos, ainda sim, mesmo com uma baixa em 2020, 140 assassinatos, o número fica acima da média. No segundo gráfico, *Quadro: Cenário geral dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil em 2021*, ocorre uma análise dos casos ocorridos no ano de 2021, com isso, enfatiza-se o alto índice de violência no Brasil e a ausência de medidas efetivas por parte do Estado. No terceiro, *Tabela: Estados que mais assassinaram pessoas trans (2017-2021)*, ocorre uma explanação dos assassinatos desde 2017 até 2021, levando em consideração uma análise por estados brasileiros, ficando em primeiro lugar o estado de São Paulo, com um número alarmante, 105, em comparação aos outros estados.

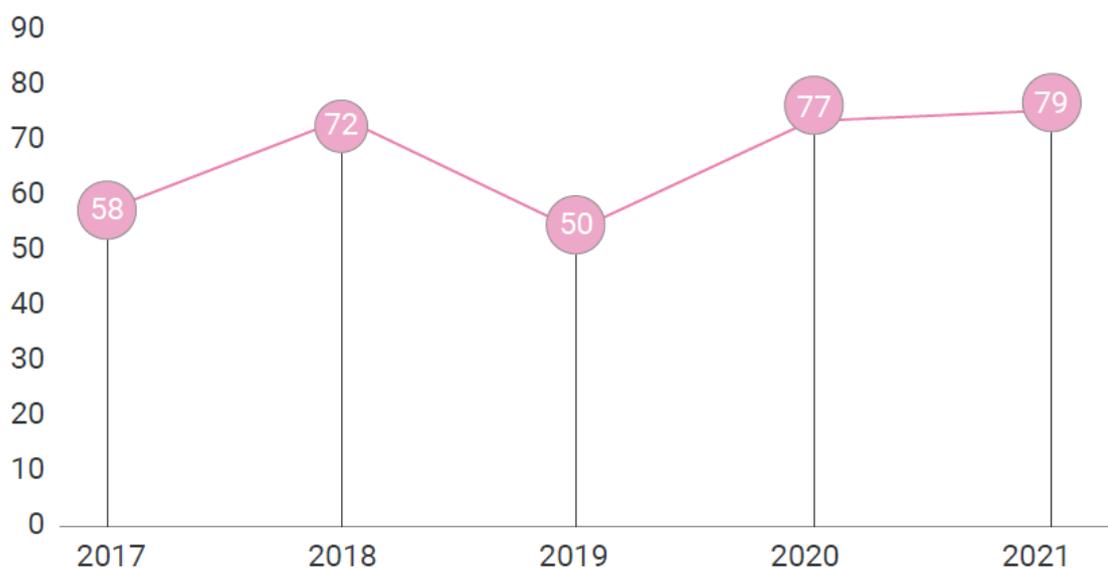
**Gráfico: Assassinatos pessoas trans DDH (2019-2021)**



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2022.

Fonte: Antra 2022.

**Gráfico – Tentativas de Homicídio – 2021**



Fonte 2017-2020: ObservatorioTrans / 2021: ANTRA  
Autora: BENEVIDES, Bruna, 2022.

Fonte: Antra 2022.

O gráfico *Assassinatos pessoas trans DDH (2019-2021)*, retrata o agravamento em níveis de violência que pessoas *trans* sofrem ao se enquadrarem como Defensoras dos Direitos Humanos (DDH). Segundo a própria Antra (2022) os índices de violência que pessoas trans e travestis sofrem cotidianamente são alarmantes, porém, esses índices se intensificam com a presença da militância, ativismo e posicionamentos políticos abertos em prol da comunidade LGBTQIAP+, configurando-

se como DDH. Para além disso, no gráfico *Tentativas de Homicídio – 2021*, comprova-se o aumento dos números relacionados à violência. Mesmo com a tendência da subnotificação, ainda assim, em contexto brasileiro, os riscos que mulheres trans/travestis enfrentam são altíssimos. Utiliza-se o termo “risco”, pois leva-se em consideração, segundo Antra (2022), 94% das vítimas de tentativa de homicídio eram profissionais do sexo, “em um cenário onde grande parte dos territórios de prostituição são controlados/gerenciados por agentes do estado”. Isso é bastante sugestivo, considerando que são “milicianos (policiais civis/militares, da ativa ou da reserva) que controlam diretamente ou aqueles que recebem propina por parte de outras pessoas que exploram a prostituição” (ANTRA, 2022, p. 69). O Estado, por sua vez, não cumpre ainda com seu papel efetivo de prevenir e/ou solucionar crimes homoesbotranfóbicos e na contramão fornece subsídios para a manutenção de crimes com o perfil da citação acima. Dessa forma, as vidas nuas das comunidades trans vão se perdendo, muitas vezes, sem deixar ao menos vestígios.

Esses corpos apagados expõem mais uma face dessa tradição brasileira de desaparecer pessoas. Das políticas da morte da última ditadura ao consumo e descartabilidade de corpos do neoliberalismo, os subversivos do sistema acabam desaparecendo. São, afinal, pouquíssimos aqueles que podem desaparecer desse inferno de preconceito, violência e desigualdade e reaparecer, reconfigurados, no corpo que escolheram, em outro espaço, como Sérgio Y.

### CAPÍTULO III

## GÊNERO, SEXUALIDADE, VIOLÊNCIA E EXPRESSÃO LITERÁRIA

Havia, naquela morte, algo que talvez explicasse elementos da vida: “Na manhã da última quinta-feira, a polícia de Nova York encontrou o corpo de Sergio Yacoubian, filho do empresário Salomão Yacoubian...”. Mas o corpo encontrado não era mais o corpo de Sergio, e sim o corpo de Sandra, pois “Sandra”, como se chamava a vítima que havia sido empurrada daquela sacada em West Village já havia reivindicado o direito de existir em seu próprio corpo. A nota sobre a missa de sétimo dia divulgada pela família no Brasil, para o narrador, jogava a luz de suspeita sobre o caso:

Tereza e Salomão Yacoubian cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento de seu filho SERGIO EMÍLIO YACOUBIAN, ocorrido em 2 de fevereiro na cidade de Nova York. Missa em intenção de sua alma será celebrada no dia 9 de fevereiro, às 11 horas, na Igreja Apostólica Armênia do Brasil, na avenida Santos Dumont, 55, centro, na cidade de São Paulo (PORTO, 2014, p. 61).

Se esse corpo teve que viajar a outro lugar, afastar-se do convívio da família, para finalmente poder “viver feliz”, o que se fazia com ele depois de sua morte, simbolicamente, acabava por negar-lhe novamente a felicidade, agora enquanto memória. A ação de um indivíduo dentro do mundo o cerca, as condições sociais que o circulam e o conjunto de memórias, não apenas suas, mas de sua coletividade são alguns dos principais elementos definidores de sua identidade. Grupos celebram sua memória como parte importante não só de experiência com o passado, mas também como prerrogativa de futuro, adquirem, por meio, disso uma valorização social e um caminho aberto para construir seus planos. Infelizmente, isso não acontece com todos. A homofobia, a intolerância, a violência e a hipocrisia tóxica de nossas sociedades ditas heteronormativas tornam o caminho da construção da vida, da identidade e da felicidade própria de pessoas que não se enquadram nesse padrão extremamente difícil, se não impossível. No caso de Sandra, toda a luta de uma jovem vida em se libertar havia se apagado, juntamente a suas memórias. Perante a hipocrisia do mundo que segue, havia se negado também seu direito na fatídica morte. O (cis)tema havia desaparecido, junto com seu corpo, sua história de vida, sua memória.

Quando os debates saem da diegese narrativa e se solidificam na realidade, nos deparamos, também nós, submetidos a um constante perigo de apagamento sistêmico, de nossos corpos, de nossas identidades, de nossa memória. Araruna (2018, p. 147), pontua que “um corpo como o meu, na rua, à noite, apresenta um status de vulnerabilidade e de potência em ser destruído a partir dos arranjos de gênero que estão estruturados em nossa sociedade”, ou seja, o corpo travesti, a existência ou até mesmo a memória, caracteriza-se como vulnerável, seja em vida ou em morte. Em Assmann (2011), compreende-se a memória como algo valioso para as construções do presente, que conseqüentemente em determinado momento será o futuro. Usando uma metáfora, a memória pode funcionar como uma bússola, direcionando-nos para onde devemos ir sem cometer os mesmos erros do passado.

Benjamin (2012, p. 242), em um trecho específico sobre a memória dos antigos em suas considerações sobre o conceito de história, diz que “alguém na terra esteve à nossa espera” alguém cobra de nós, os que andamos por este tempo, uma resposta? Mas como lutar com aquilo que justamente tenta fazer desaparecer, tanto as mortes injustas do passado como os corpos submetidos à obliteração no presente? Como construir um diálogo sobre violência sendo que ela, dada sua magnitude e seus incontáveis meios de ferir, parece simplesmente desaparecer, inclusive aos olhos de quem sistematicamente a pratica? Como, no caso do romance de Porto (2014), dar dignidade à Sandra se ela nunca existiu? Assim como uma bússola dá o direcionamento, a memória direciona as lutas de determinados povos. Muitos de nós que lutamos pelos direitos de gênero, sexualidade e afeto sabemos que isso envolve, sobretudo, o direito à memória, ainda que, dada a opressão do vivido, ela às vezes se torne quase insuportável.

Na obra, percebe-se a construção da identidade de gênero de Sandra, o seu percurso de existência, sua força e vontade de ter notoriedade, porém, ao mesmo tempo que se percebe a construção de uma identidade de gênero, fica evidente na narrativa também o quão difícil é se colocar nos espaços, tendo um corpo subversivo às normas de hierarquização e controle de gênero. Um corpo trans/travesti sofre diversas formas de violência no decorrer de sua existência física. Como representado artisticamente em Porto (2014), as violências continuam a atingir esses corpos, mesmo na morte, no apagamento forçado de suas memórias. Escolher construir outro corpo a partir de seus afetos, viver alegremente sua sexualidade, ter a coragem de

dar a si mesmo um outro nome, ressignificando assim também uma existência, todo esse esforço apagado. Ao nome Sandra não resta sequer uma lápide para ser lembrado. Para ajudar a entender esse violento apagamento de uma possível identidade, de quem “teve coragem para ser feliz”, passemos por algumas discussões no que diz respeito às particularidades das relações de gênero em um país ainda tão conservador como o Brasil.

### **Gênero, suas singularidades e representações artísticas**

É válido ressaltar que gênero e sexualidade estão (e dialogam) no mesmo espaço de pesquisa, porém suas compreensões são singulares. A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus propõe uma definição didática para ambos: “o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”. Diferentemente da sexualidade da pessoa, argumenta a autora, a “identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quando as pessoas cisgênero (JESUS, 2012, p, 14). Identidade de gênero é, assim, a forma como você se sente representada (o) em relação ao binarismo de gênero (homem ou mulher, cis ou trans) e em alguns casos, a não identificação com o binarismo, mais conhecido como não-binário. Lembramos da famosa frase de Simone de Beauvoir (2016, p. 11): “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, o que remete a ideia de que o gênero, ou melhor, a identidade de gênero, é uma identificação individual de cada ser e “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 2016, p. 11). Em outras palavras, os fatores biológicos, o sexo, pênis ou vulva, não definem necessariamente a identidade de gênero dos seres humanos.

Indo além dessa questão, Judith Butler (2003) afirma que, nesse novo contexto, inclusive um novo tipo de política feminista seria desejável para: “contestar as próprias reificações do gênero e a identidade”, em suas palavras: “uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político” (BUTLER, 2003, p. 23). A partir do desenvolvimento desses debates que têm atravessado a crítica feminista e *queer* ao longo do tempo, Jaqueline Gomes de Jesus (2012) aborda dois termos chaves para compreender a identidade de gênero, que é o termo *cis* e o termo *trans*. *Cisgênero*,

segundo a autora, pode ser caracterizado como “pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 14), em outras palavras, são pessoas que se identificam com a ideia de determinação biológica atribuída (masculino ou feminino), diferentemente da ideia que foi exposta anteriormente por Beauvoir, por exemplo. Com isso, compreende-se que o sexo (pênis ou vulva) seria, aqui, no termo *cis* um fator determinante da identidade de gênero assumida.

Já os sujeitos transgêneros, propõe a autora, são “pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (p. 14), ou seja, é o sujeito que não se identifica com uma atribuição socialmente determinista de gênero (ou se identifica em graus diferentes com o respectivo gênero masculino e feminino). O termo *trans* se torna, assim, para a autora, em um conceito “guarda-chuva”, pois aborda os significados de ser transgênero, *queer*, andrógino, não-binário, transexual, entre outros. A autora lembra, no entanto, que não se trata ainda de um termo consensual, mas que, em suas palavras: “caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente”, lembra a autora, pois, segundo ela “soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica” (JESUS, 2012, p. 15).

Diante dessa explanação geral sobre as identidades de gênero e questões da sexualidade, cabe refletir sobre como a literatura tem dialogado com essas questões. Tendo clareza de que a literatura contribui para formar leitores críticos e humanizados, no sentido obviamente positivo dessa última expressão, vale destacar algumas reflexões importantes promovidas pela literatura sobre sociedade e sua cultura. A entidade transmigrante Sérgio-Sandra, no romance de Porto (2014), embora só apareça nas reminiscências do psiquiatra ancião e nas marcas deixadas em bilhetes, notas de falecimento e gravações de sessões, é o ponto de singularidade que atrai nosso olhar e nossos anseios. Mesmo fazendo parte de uma classe social financeiramente privilegiada, quantos percalços teve essa personagem para encontrar o que entendia por felicidade, quantas viagens passou por seu corpo até poder assumir, já em outro país, uma identidade que comportasse uma dimensão plena de

seus desejos elementarmente humanos, sexuais, afetivos? A imagem do corpo ensanguentado que se projeta nos pensamentos do narrador, à luz do dia, em meio a uma poça de sangue em um quintal, no número 12 de Grove Street, cobra tantas respostas.

### **Por Sandra e por tantas**

Com base na apresentação da obra *Sergio Y. Vai à América* (2014) e as reflexões anteriores, a presente seção tem por intuito discutir as representações das questões de gênero e sexualidade em nossa sociedade, mediando esses diálogos por meio da obra de ficção e destacando suas verossimilhanças. Embora a realidade da personagem de Porto (2014) seja muito diferente, isso não a protege de um círculo de violências de diferentes ordens. Quando Salomão - o pai de Sandra - conversa com Armando a respeito de sua morte, ele diz: “Eu gerei duas monstruosidades: um anencéfalo e um transexual” (PORTO, 2014, p. 155). Fica evidente, em seu discurso, o desconhecimento e o preconceito presente em relação à identidade de gênero de sua filha. Sandra não foi expulsa de casa como os índices informam, mas foi morar em outro país. Percebe-se o alívio que Salomão sentiu na decisão de Sandra em se distanciar de São Paulo.

Sergio não queria ficar em São Paulo. Queria ir para um lugar onde não o conhecessem. Queria poder apresentar-se como Sandra para sempre. Eu entendo isso. Confesso que até gostei que ele fosse fazer o tratamento fora do Brasil. A gente tem evidência nos negócios. A situação podia ser explorada pela imprensa, ficar pública. Não seria bom para ele. Não seria bom para ninguém. Em Nova York, ele teria anonimato para se cuidar tranquilamente. Longe da curiosidade das pessoas (PORTO, 2014, 157).

Quando Salomão afirma “Em Nova York, ele teria anonimato para se cuidar tranquilamente. Longe da curiosidade das pessoas” (p. 157), existem dois pontos muito importantes em sua fala. Primeiro, o gênero não respeitado de Sandra, pois, para o pai, isso parece nunca haver nem ao menos entrado em consideração. Segundo, a sensação de alívio com o anonimato, a satisfação com o “desaparecimento” desse corpo incômodo, monstruoso. Em outras palavras, Salomão tinha vergonha da filha e medo do julgamento das pessoas, da sociedade, da imprensa, pois ele entendia que isso poderia macular sua imagem, a imagem da família, dos negócios. Essa vulnerabilidade era compreendida por Sandra, por isso,

obviamente, o anonimato em Nova York mostrou-se necessário. Assim, poderia iniciar uma nova história, uma nova vida como Sandra, sem se preocupar com os julgamentos e os perigos que uma sociedade preconceituosa e intransigente como a brasileira oferece, mesmo em seus círculos abastados.

Voltando aos dados da ANTRA: no ano de 2016, 22% das matérias sobre os assassinatos de pessoas trans não respeitaram a identidade de gênero das vítimas. Isso, obviamente, destaca o informe “dificulta ainda mais o levantamento dos dados, visto que acabavam por noticiar mortes de travestis e mulheres transexuais como se fossem homens gays; e homens trans como sendo lésbicas” (ANTRA, 2018, p. 20).

Todas essas pessoas, vítimas de violências diárias de toda sorte, lutam toda a sua vida para libertar-se dos limites impostos sobre um corpo. Tem de, desde cedo acostumar-se com as misérias de uma vida nua, exposta ao abandono de sua família, de seu grupo social. A memória de toda sua trajetória de luta apaga-se no momento de sua morte, porque a morte exige um corpo, e esse corpo já não é senão reconhecido pelos arbitrários documentos que envolvem a padronização social, como nesses relatos perniciosos da imprensa. Por isso, como em Benjamin (2012), também essas vozes silenciadas de corpos apagados dirigem para nós um apelo, e esse apelo, como lembra o autor, não pode ser rejeitado impunemente. A luta por direitos das pessoas trans, desde o reconhecimento de sua identidade a questões que envolvem a legitimação dessa identidade nas diferentes instituições e relações sociais não é definitivamente um mero detalhe. São questões fundamentais para o estabelecimento de uma sociedade plena, digna, democrática e justa. Na obra de Alexandre Vidal Porto (2014), o desrespeito em relação à identidade de gênero de Sandra abarca não apenas sua curta vida, mas também sua morte.

E é exatamente dentro deste cenário em que se encontram a maioria esmagadora das vítimas, que foram empurradas para a prostituição, se encontram em alta vulnerabilidade social e expostas aos maiores índices de violência. Expostas a toda sorte de agressões físicas e psicológicas. Vemos ainda que 70% dos assassinados foram direcionados aquelas que são profissionais do sexo. 55% deles aconteceu nas ruas. O que denota o ódio às prostitutas, em um país que ainda não existe uma lei que regulamente a prostituição que, apesar de não ser crime, sofre um processo de criminalização e é constantemente desqualificada por valores sociais pautados em dogmas religiosos que querem manter o controle dos seus corpos e do que fazemos com eles. Este comportamento da sociedade é constantemente reforçado pelas representações preconceituosas que o senso comum detém da imagem da prostituta e estão relacionadas aos comportamentos considerados como imorais pela sociedade (ANTRA, 2017, p. 18).

Sandra, mesmo que conturbada em seu processo de construção de sua identidade, ainda sim viveu uma vida cercada de privilégios, pois, por mais que sua família fosse homoesbotransfóbica, ainda assim, bancaram financeiramente todo o seu processo de construção. Com isso, percebe-se que há relações de privilégios que precisam ser analisados, porém, mesmo cercada de privilégios, Sandra não foi poupada do “armário”, do silenciamento e do apagamento de sua existência. Na vida real, poucas mulheres travestis e transexuais têm os mesmos privilégios que Sandra da ficção. Como mostra Antra (2017), ainda na adolescência/infância, ao se depararem com construções divergentes aos padrões de gênero, muitas famílias agem com extrema violência, e ao se depararem com essas violências, muitas travestis e transexuais acabam sendo expulsas de suas casas.

Crianças, adolescentes e jovens, sem o mínimo de subsídio para sobrevivência, acabam sendo obrigados a usarem a única ferramenta que sobrou: seus corpos. Assim, sem compreender e sem esforços para tentar entender, há muitos julgamentos sobre as identidades travestis e transexuais, pelo fato de atuarem no campo da prostituição e no mercado pornográfico. Entretanto, não há julgamentos com a mesma intensidade ao relacionar a alta procura por esses corpos nas ruas por homens casados e por inúmeros acessos virtuais aos conteúdos produzidos nesse consumo. Corpos desejados no sigilo, mas inapropriados à luz do sol. Há existência de cotas para esses grupos específicos já é um alerta para as reflexões de como são tratados esses corpos em nossa sociedade.

Muitas por não terem o Ensino Médio completo, não conseguem se inserir no mercado de trabalho, porém, quantos familiares temos sem o Ensino Fundamental Anos Finais completo, e mesmo assim, fazem parte, de alguma forma, das diversas classes de trabalho formal da nossa sociedade. Por que ninguém dá emprego para travesti? Compreende-se que a falta de escolaridade contribui para os altos índices de desemprego, porém, enfatiza-se que a discriminação contribui de forma significativa para que esses índices sejam tão alarmantes, além do grau de instrução das travestis e transexuais.

Por que não existem babás, lavadeiras, diaristas travestis/transexuais, na mesma frequência que mulheres *cis* ocupam esses espaços? As reflexões que se pretendem chegar aqui dizem respeito ao campo das construções das identidades.

Sendo assim, para além da falta de profissionalização, ainda assim, travestis e transexuais são reconhecidas socialmente, segundo Salomão, pai de Sandra, como monstruosidades. Por esse motivo, travestis e transexuais acabam recorrendo ao uso de silicones industriais na tentativa de eliminar qualquer traço “masculino” e garantir sua “passibilidade”, para que sejam aceitas nos espaços públicos.

Mulheres transexuais e travestis, precisam ocupar o sol, ou melhor, elas também têm o direito de ocupação. No ano de 2017, Dandara dos Santos, foi assassinada vítima de transfobia. segundo o portal G1 (2017)<sup>7</sup> “Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário. Travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, foi agredida e assassinada. Polícia prendeu dois homens e apreendeu três jovens; um segue foragido”. Na época, 2017, o caso de Dandara causou grande repercussão nacional pelas fortes imagens de violência, “[...] agressões com chutes e golpes de pau, a travesti Dandara dos Santos foi assassinada a tiros”. Este é apenas um dos inúmeros casos que ocorrem diariamente no Brasil.

Depois das agressões, levaram [Dandara] até outro local, próximo de onde foram feitas aquelas imagens. Como é visto nas imagens, ela foi brutalmente, covardemente, assassinada através de um disparo de arma de fogo”, detalhou o delegado em entrevista (G1, 2017).

Ao mesmo tempo em que se questiona os motivos pelos quais mulheres transexuais e travestis não ocupam o sol, ao ler notícias com o desfecho como o de Dandara, compreende-se como essas mulheres são tratadas e do que elas têm medo. O vídeo, gravado por uma pessoa que está com o grupo de agressores, mostra parte da violência. Destaca a reportagem: “a gravação tem 1 minuto e 20 segundos e termina quando os suspeitos colocam a vítima no carrinho de mão, após agressões com chutes, chineladas, pedaços de madeira, e descem a rua” (G1, 2017). Ainda hoje, é possível ter acesso ao vídeo que foi amplamente divulgado nas redes sociais e comemorado por meio de comentários transfóbicos nas mesmas redes. Para além das várias violências explícitas que Dandara sofreu até sua morte, o espancamento, o rechaço em público e os tiros evidenciam que mesmo morta sofreu violências. Vários veículos de comunicação utilizaram pronomes masculinos ao se referirem a ela e seus familiares no intuito de prestarem informações sobre a vítima, apresentam imagens de Dandara

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. acesso em: 06 nov. 2022.

com aparência masculinizada. Sandra, da ficção, e Dandara, da realidade, são personagens com privilégios claramente muito distintos, porém, destaca-se a verossimilhança na violência sofrida por ambas. Assassinadas, negadas e apagadas.

### **O aviso de que ser bicha não era bom**

Quando se supõe que um indivíduo pertencerá ao gênero masculino ou feminino, automaticamente, como argumenta Guacira Lopes Louro (2016b), está sendo declarada várias ações, ou seja, ao passo em que se declara: “[...] ‘É uma menina!’ ou ‘É um menino!’ também começa uma espécie de ‘viagem’, ou melhor, se instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo” (LOURO. 2016b. p. 15). Ainda sobre o processo de determinação inicial sobre o gênero, prossegue a autora: “[...] o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO. 2016b. p. 15). Sobre este binarismo, atualmente se estabelece o “chá revelação”, este demarcado por papéis de gênero e conseqüentemente por orientações sexuais. O que se revela? Azul caso seja menino e rosa caso seja menina. Seria este um ótimo exemplo de ideologia de gênero?

Ao cumprir este ritual, estabelece-se o que se espera desse sujeito que nem nasceu ainda. Espera-se que por ter um pênis, sua identidade de gênero seja homem e ao ser homem por ter um pênis, deseja-se que sua condição sexual seja heterossexual, excluindo qualquer outra possibilidade de revelação. O mesmo acontece com o rosa, porém com desejos e expectativas para o ser mulher. Não há um chá revelação amarelo, dourado ou colorido. Ninguém espera uma travesti, uma lésbica ou um gay. São vistos como conseqüências da vida e não como desejos. Para Constantino, o narrador defunto do romance *Cloro* (2018), seu gênero nunca pareceu ser um problema, porém ter de “pertencer” a um determinado comportamento de gênero automaticamente produziu várias ações. Entre elas, a distinção entre coisas que podem ser feitas e aquelas que não. Como afirma em certa passagem do texto: “um dia, me chamaram de bicha. Foi o Marcos Bauer quem, do nada, me chamou de bicha e me deu um soco na barriga na saída da escola, na frente de todo mundo” (PORTO. 2018. p, 16). Ao deparar-se com essa passagem percebe-se que desde sua infância ser bicha era definitivamente um problema.

Não sabia se alguém mais na escola me achava efeminado. Por precaução, passei a me preocupar em parecer masculino. Tentava falar em tom mais grave do que o que me seria natural e movia-se mais devagar, com controle sobre meus gestos. Passei o resto dos anos me controlando. Toda a minha vida foi assim (PORTO. 2018. p. 18).

“Durante muitos anos, agradei a Marcos Bauer o alerta antecipado. Ele me serviu como aviso de que ser bicha não era bom. Tive tempo de me preparar. Por anos, valorizei esse ensinamento”, segue o narrador (PORTO. 2018. p, 17). Novamente percebe-se, na negação de uma identidade, uma das medidas de proteção básica perante a adversidade do meio social. Nega-se tudo aquilo que não for heteronormativo, até a si mesmo.

### **Sobre armários e outros esconderijos**

Elton da Silva Rodrigues (2020), em seu trabalho intitulado *O armário e a “vida de silêncio” de Constantino Curtis em Cloro, de Alexandre Vidal Porto* aborda a homofobia, masculinidade tóxica e a masculinidade compulsória (heterossexualidade compulsória) por meio de análise do silêncio como uma metodologia a ser trabalhada.

Uma “vida de silêncio” é como Alexandre Vidal Porto, autor do romance, descreve a existência abruptamente interrompida de Constantino. O autor declara ainda que muitos homossexuais vivem na mesma condição, destacando aqueles que frequentam uma sauna gay, lugar onde morre o personagem central de Cloro (PERASSOLO, 2018). O silenciamento de Constantino de qualquer manifestação de sua sexualidade ocorre já em sua infância, conforme o personagem narra em sua primeira memória (RODRIGUES, 2020, p. 323).

O silêncio sempre fez parte da vida de Constantino. Sempre foi aquela sensação de pertencer a uma determinada identidade que socialmente era vista como inapropriada, e ao ter essa noção de pertencimento, Constantino acabou por silenciado. Aludindo a Stuart Hall em seu breve trabalho *A identidade cultural na pós-modernidade (2009)*, o autor destaca o fato de a sociedade contemporânea ser marcada pela diferença, o que torna inviável pensar em uma unidade identitária. Para a concepção pós-moderna, portanto, destaca o autor “as identidades dos indivíduos não são mais identidades fixas, mas, sim, algo em andamento” (RODRIGUES, 2020, p. 323). Porém, mesmo com a existência de uma pluralidade em relação as identidades, sejam elas de gênero ou sexual, a modernidade ainda se pauta no binarismo de gênero/sexual como identidades de prestígio. Aquilo que foge das

identidades de prestígio sofre silenciamento. Silêncio este vivido por Constantino.

A heterossexualidade compulsória, que coage a todos a assumir de modo inato a heterossexualidade como natural, acaba por produzir o “armário” que, se por um lado coíbe a manifestação de sexualidades divergentes, por outro protege o indivíduo de agressões. O armário também faz com que o sujeito crie outra identidade (RODRIGUES, 2020, p. 325).

“Armário”, termo este relacionado ao não pertencimento de identidades de prestígio, pois só está no “armário” quem tem medo de sofrer algum tipo de violência por ser bicha. E ao fazer parte desse processo de negação ou viver de modo clandestino, o silêncio começa a fazer parte da vida desses sujeitos. É interessante pontuar sobre o termo “armário”, pois mesmo os sujeitos que vivem fora desse “armário”, ou seja, conseguem socialmente serem lidos como LGBTQIAP+, de algum modo, em algum momento voltam para o “armário”. O “armário” ainda é algo intrínseco aos sujeitos que não fazem parte das identidades de prestígios, pois em algum momento, seja por vergonha ou medo, acaba-se negando a presença de uma identidade *queer*, por questões de segurança. Há espaços extremamente violentos para sujeitos *queer*, e ao estar nesses espaços, o “armário” acaba sendo uma válvula de escape.

O medo de ser homossexual leva Constantino a controlar seu comportamento, a se parecer “mais masculino”, a arranjar uma namorada para não ser chamado de “bicha” novamente. Em português, a palavra “bicha” é como comumente se traduz o vocábulo “queer”. Ambas já foram, e em alguns contextos continuam sendo, uma forma pejorativa de se referir a homossexuais por conta de serem quem são e não se enquadrarem na norma de sociedades heterossexistas (RODRIGUES, 2020, p. 326).

Sobre o termo bicha, segundo Trevisan (2018, p. 95) “[...] É verdade que entre os brasileiros, lhe pareceu muito acentuada a divisão de papéis sexuais, com uma clara hierarquia que submete a bicha (passivo) ao bofe (ativo)”, porém, atualmente a compreensão do termo bicha é outra e não apenas ligado ao papel desenvolvido no ato sexual.

No quarto ano, insultos homofóbicos – como chamar outro menino de “bicha” – já se tornaram comuns entre os meninos, que aprendem, em sua maioria, que essa palavra expressa hostilidade antes mesmo de aprenderem sua conotação sexual (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 57).

Para além da significação de ser Bicha em Trevisan (2018), é interessante

pontuar que o termo ainda causa alguns estranhamentos e enftretamentos, seja na sociedade de modo geral, ou até mesmo no próprio meio LGBTQIAP+, pois ainda não há um consenso em relação ao uso do termo.

A bicha ainda é muito inferiorizada pela sociedade tradicional e conservadora, portanto, reforça-se a necessidade da batalha pelo reconhecimento de igualdade e respeito. A palavra, que inúmeras vezes é utilizada para humilhar e ofender os homossexuais tidos como efeminados ou sexualmente passivos, passa hoje por uma revolução semântica que lhe permite não carregar teor de ofensa ou diminuição, mas encarregar de propriedade o indivíduo que a recebe, proporcionando-lhe até orgulho. Quanto ao ofensor, esse não possui mais poder sobre o ofendido, pois o segundo já não existe, ele perde o seu domínio e dessa forma não atinge a quem quer atingir. (FREITAS, SILVA, 2016, p. 9)

Ainda quando criança muitos meninos são forçados a assumirem sua heterossexualidade e negar qualquer possibilidade de ser outra coisa a não ser homem heterossexual. Ninguém pergunta para os meninos, ainda na infância, se eles já encontraram um namorado. Mesmo achando inadequada a ideia de que crianças possam namorar, ainda sim, deseja-se que meninos se sintam atraídos sexualmente ou afetivamente por meninas, descartando qualquer possibilidade da presença de uma identidade homossexual. Sendo assim, “desde a sua infância, portanto, Constantino foi induzido a acreditar na heterossexualidade como natural (RODRIGUES, 2020, p. 327)”.

É a heterossexualidade compulsória que, desde antes do nascimento, faz com que se aceite a heterossexualidade como natural. É ela também que reafirma o matrimônio como o ponto de realização da vida de sujeitos, principalmente das mulheres. Dentro dessa lógica, os corpos são educados para assumir seu papel de masculinidade (poder) e feminilidade (submissão) (RODRIGUES, 2020, p. 328).

Não há vivência livre do “armário” para a comunidade LGBTQIAP+, o que existe são momentos mais livres que outros, ocasionando em muitas experiências clandestinas e infelizes por não estarem de acordo com as identidades e comportamentos de prestígio. É óbvio que Constantino, mesmo em seu “esconderijo heterossexual”, sofreu diversos tipos de violência no decorrer de sua vida. Não apenas física, como quando criança, mas em diferentes expressões real-simbólicas, como às que se refere Bourdieu, formas de violência simbólica que parecem invisíveis até mesmo para suas próprias vítimas, exercidas “essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do

desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU. 2019. p, 12). Diante dessa relação de dominação, de controle, ou, segundo Bourdieu (2019) “lógica dominante”, uma proteção primeira em relação a essas violências, torna-se muito significativa para a construção de sua identidade. Na obra, essas formas de violência aparecem na maioria das vezes de forma “sutil”. Veja: “[...] Como ser íntimo quando a intimidade é o que mais apavora você?” (PORTO. 2018. p, 34).

Ginzburg (2012) lembra que diversas tradições conservadoras, por exemplo, procuram resguardar a ideia da figura do pai enquanto autoridade, autoridade esta que se associa inelutavelmente à lei, à ordem, à norma:

Sem a presença de um pai, não haverá como assegurar disciplina, controle, regularidade e continuidade no funcionamento da realidade. A ideia mítica de um pai como âncora da estrutura social não se dissocia da história de hegemonia política do patriarcado. Cargos políticos, lideranças econômicas e posições sociais decisivas, historicamente, ficam de modo geral nas mãos de homens, brancos, heterossexuais, originários de famílias consideradas dignas, de grupos religiosos dominantes, defensores de valores de seus próprios segmentos sociais. Mulheres, negros, homossexuais, crianças, indígenas, todos os que não estiverem na escala preferencial da sociedade patriarcal têm historicamente se subordinado a critérios de configuração de poder. (GINZBURG. 2012. p. 77-78).

Como esse homem branco, originário de famílias consideradas dignas, como afirma Ginzburg (2012), o próprio personagem do romance, ao negar sua homossexualidade, se associa a essas relações de poder patriarcal histórica. Por isso também que, para o personagem, a própria paternidade se manifestava como uma prova de virilidade. Tal esquecimento de si, assim como outras questões que envolvem a incursão forçada no território do “masculino” ficam evidentes na obra em vários momentos, entre eles: “nunca hostilizei ninguém cara a cara. Não me considerava homofóbico, mas participava de piadas e levantava suspeitas condenatórias contra possíveis homossexuais. Acho que devo ter vergonha disso, você concorda?” (PORTO. 2018. p, 73).

Aqui aparece outra questão: o que pode “chocar” o leitor são a consciência da prática da violência e a justificativa de empreendê-la, inclusive sobre si mesmo. Para Constantino, é uma tentativa de esquecimento forçado, uma violência sobre sua própria subjetividade que leva à supressão e ao recalque: “Essas coisas viviam em mim, só que latentes. Nunca dei espaço para que acontecessem. Não deixei oxigênio

para que se desenvolvessem. Achei que morreriam, porque as havia sufocado” (PORTO. 2018. p, 71). Percebe-se que o sofrimento de Constantino poderia ter sido poupado, ou melhor, sua narrativa poderia ter tomado outros caminhos. Débora, ao saber sobre a condição do marido, estaria sendo sincera ao lamentar o desfecho de sua história? “Não deve ter sido fácil para Constantino reprimir o que ele sentia. Nunca é fácil. Tem gente que chega a matar por sexo, então dá para você avaliar. Tino e eu podíamos ter conversado a respeito. Não seria assustador para mim” (PORTO. 2018. p, 137). Será que não seria assustador? Por acaso os sinais, a própria distância do marido, já não teriam sido claros ao longo de sua convivência.

Diferente de Sergio Y., Constantino não teve “a coragem de ser feliz”, isso talvez porque, desde criança, estava sempre se protegendo. Como ele mesmo afirma ao longo da narrativa: “Um homem gay passa anos de sua vida no ‘armário’, pois, de certa forma, é obrigado a se esconder lá”.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, buscou-se discutir a presença da violência nos campos do gênero e da sexualidade, com foco na identidade de gênero e condição sexual. Com isso, nas obras *Sergio Y. vai à América* (2014) e *Cloro* (2018), de Alexandre Vidal Porto, os debates foram construídos por meio das figuras de verossimilhança presentes em ambas as obras buscando relacionar a violência sofrida pelas personagens com as violências que os sujeitos pertencentes a comunidade LGBTQIAP+ sofrem cotidianamente no mundo real. Caracteriza-se como um trabalho de resistência, com temáticas marginalizadas, direcionadas ao imaginário e com pouco valor científico em comparação a outras áreas de prestígio do meio acadêmico, entretanto, é resistência exatamente por esses motivos, por ter pouca visibilidade no grande campo acadêmico e não ver o reconhecimento dos diálogos feitos, ainda assim, são debates necessários. Não porquê falta prestígio, mas porquê salvam vidas.

O foco do trabalho não é buscar restritamente o prestígio acadêmico para as áreas de gênero e sexualidade. O foco é denunciar a violências que sofremos no dia a dia e demonstrar que essas análises e construções de um mundo melhor é possível por meio da literatura, pois, leva-se em consideração, aqui, a literatura como ferramenta de formação humana, seja de ficção ou não. É interessante pontuar que as obras foram escolhidas por apresentarem construções diferentes no diz respeito a identidade de gênero e condição sexual. Em *Sérgio Y. vai à América* (2014), é possível estabelecer relações de análises do campo do gênero (identidade de gênero) e em *Cloro* (2018), fica mais evidente uma construção relacionada a sexualidade (condição sexual).

Levando em consideração os debates a partir de *Cloro* (2018), deseja-se que os Constantinos presentes em nossa sociedade, possam de alguma forma se libertarem de suas amarras e viver suas vidas sem a preocupação de suprir expectativas alheias sobre seus relacionamentos, sejam relacionamentos sexuais ou afetivos. Que os sujeitos em suas mulheridades e hombridades – no sentido de ser homem – possam se libertar dos padrões imaginários e inexistentes que ainda nos cercam e nos reprimem. As classificações e nomenclaturas pertencentes ao universo LGBTQIAP+ não estão para restringir ou delimitar desejos ou espaços. Esses nomes, classificações e/ou nomenclaturas, estão para demonstrar o quão diversos somos e

ao mesmo tempo humanos.

Que o *queer*, “estranho”, diferente, possa a partir de debates reais e definitivamente incisivos em nossa sociedade, viver com mais segurança e esperança de um mundo onde ser mais que um “padrão” binário (de gênero ou sexualidade) não seja automaticamente um sinônimo de insegurança e violência. A partir de *Sérgio Y. vai à América* (2014), os corpos trans, travestis, não-binários, ou qualquer representação de identidade que fuja das expectativas esperadas, que esses corpos possam existir em seus lugares de origem sem a necessidade da migração para existência. Sandra, vinha de uma família bem estruturada financeiramente, porém o capital não conseguiu comprar sua liberdade, muito pelo contrário. Foi em detrimento do capital que seu corpo teve que ser construído no estrangeiro, clandestinamente. Afinal de contas, qual seria o impacto para os negócios da família um corpo que não condiz com as expectativas alheias? Retomo essa questão, enfatizando o posicionamento do pai de Sandra e seu claro alívio ao perceber que sua filha estaria existindo longe de seus negócios, longe suficiente para não causar nenhum dano ao nome da família Yacoubian.

Para além das construções feitas em busca de um pertencimento, de uma identidade. O trabalho também é resistência ao enfatizar e lutar por memórias assassinadas. Na obra *Sérgio Y. vai à América* (2014), aos olhos dos leitores do jornal matinal, Sandra jamais existiu. Houve um processo violento de apagamento de memórias, pois ao noticiar a morte de Sandra como se fosse Sérgio, exclui qualquer possibilidade de que sua existência no exterior seja validada e enfatiza uma identidade clandestina. Sandra não desejaria isso. Não distante da obra, temos o caso emblemático de Dandara. Travesti brutalmente assassinada, vítima de transfobia em vida e em morte, pois mesmo morta sua existência ainda assim era motivo de apagamento. Já mataram Dandara, o que mais desejam? Aniquilar sua existência? Extinguir qualquer vestígio de uma pessoa que teve a coragem de construir uma identidade que socialmente é vista como inadequada? Pois bem, resistência para que Dandaras possam continuar lutando por suas existências e que os índices de homofobia possam diminuir em nosso país e no mundo. Afinal de contas, é preciso ter coragem para ser feliz.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANTRA. *Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Brasil: 2018.
- ANTRA. *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021* / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, 2022.
- ARARUNA, Maria Leó Fontes Borges. *O Direito à Cidade em uma Perspectiva Travesti: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos*. Periódicus, Bahia: p. 133-153, 2018.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 - (Obras Escolhidas v. 1) p. 241-252.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 199 Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero uma Perspectiva Global: compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo*. São Paulo: NVersos, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, Elizama de Lima; SILVA, Joicy Eleiny. *Ressignificação enquanto ferramenta de autoafirmação através da perspectiva da bicha*. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016.
- G1. *Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário*, 2017.

Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html> Acesso em: 26 de setembro de 2022.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores associados, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: Autor, 2012. 23 p. Disponível em: <[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

LAJOLO, Marisa. *Literatura ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Unesp, 2018.

LOURO, Guacira Lopes et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes et al. (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b.

MALTA, Renata Barreto; FLEXOR, Carina Luisa Ochi; COSTA, Aianne Amado Nunes. *Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBTQ+*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, v. 61, p. 1-13, 2020.

MATTIA, Bianca Rosina. *Amor, masculinidades e resistência: uma leitura queer*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 61, p. 1-10, 2020.

MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PORTO, Alexandre Vidal Porto. *Cloro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PORTO, Alexandre Vidal. *Sergio Y. Vai à América*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PORTO, Alexandre Vidal. *Entrevista com Alexandre Vidal Porto*. Joelma Santana Siqueira. Vivaldo Andrade dos Santos. Gláuks: Revista de Letras e Artes. v. 20, n. 2. jul/dez 2020.

RODRIGUES, Elton da Silva, *O armário e a “vida de silêncio” de Constantino Curtis em Cloro, de Alexandre Vidal Porto*. Macabéa: Revista eletrônica do NETLLI, v. 9, n.

3, p. 322 – 334, 2020.